

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
CURSO DE LETRAS**

**O ENSINO DE LITERATURA: O GÊNERO DRAMÁTICO NOS LIVROS
DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

**PATU
2018**

MÁRCIA MARIA GARCIA GOMES

**O ENSINO DE LITERATURA: O GÊNERO DRAMÁTICO NOS LIVROS
DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patú – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof^a. Ma. Beatriz Pazini Ferreira

**PATU
2018**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

G216e Garcia, MÁRCIA MARIA GARCIA GOMES
O ENSINO DE LITERATURA: O GÊNERO
DRAMÁTICO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO
ENSINO
MÉDIO. / MÁRCIA MARIA GARCIA GOMES
Garcia. -
Patu, 2018. 45
p.

Orientador(a): Profa. M^a. Beatriz Pazini Ferreira Pazini.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Ensino de Literatura. Ensino Médio. Gênero dramático. Livro didático. I. Pazini, Beatriz Pazini Ferreira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MÁRCIA MARIA GARCIA GOMES

**O ENSINO DE LITERATURA: O GÊNERO DRAMÁTICO NOS LIVROS
DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patú – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof^a.Ma.Beatriz Pazini Ferreira

Nome do(a) orientador (a):

Instituição: UERN

Nome do(a) 1º examinador (a):

Prof.Ms. Gleyson Carlos Souza de Morais

Instituição: UERN

Nome do(a) 2º examinador (a):

Prof^a.Ma.Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo

Instituição: UERN

Dedico este trabalho a meu esposo José Ricardo Leão dos Santos, por ter me acompanhado nessa jornada; ao meu filho Samuel G. Leão dos Santos, a meus pais Antônio Braz, Maria das Graças G. Gomes pelo o incentivo de continuar a estudar, a meu irmão Marcondes G. Gomes (in memoriam), pelo desejo de presenciar minha conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu determinação para vencer todos os obstáculos nessa jornada acadêmica, e sabedoria nas horas mais difíceis, quando pensava em desistir.

A minha família que tanto amo.

A professora Ma. Beatriz Pazini Ferreira, por ter aceitado ser minha orientadora e acreditar na realização desta monografia.

A professora de Seminário de Monografia II, Ma. Luciana Nery, pela colaboração.

A todos os professores que com seus ensinamentos me proporcionaram o conhecimento.

A todos da instituição CAP/UERN.

Aos colegas do curso, pelos momentos de alegrias, dificuldade e vitórias compartilhadas. Em especial Maria do Céu, Maria Luiza, Nathália Nádja, Emanuel Dantas e Leomberg Lucena. Foi uma satisfação vivenciar os desafios ao lado de vocês, ainda, Débora Caroline, Francinete, Leane Santos, Rannya e pela amizade e acolhimento. Grata a Deus por conhecer pessoas como vocês.

Enfim, a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para que esse momento pudesse acontecer.

*A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios.
Por isso, cante, chore, dance, ria, e viva intensamente,
antes que a cortina se feche e a peça termine sem
aplausos (Charles Chaplin).*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como está inserido o gênero dramático no ensino de literatura nos livros didáticos de Língua Portuguesa, sendo os escolhidos pertencentes à coleção “Se liga na língua”, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, refletindo acerca de como esse gênero é abordado nos livros didáticos. Para isso, o *corpus* analítico composto por capítulos de três livros didáticos, do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Escolheu-se realizar uma pesquisa descritiva e bibliográfica, já que se analisam os capítulos de um livro impresso. O aporte teórico se fundamenta em estudos de autores que abordam a questão do gênero dramático, como Boal (2009), Freitas (2011) e Militz (1988). Sobre o teatro no Brasil, pautaram-se em estudos realizados por teóricos nos trabalhos de Caciaglia (1986). Optou-se por ter como base os estudos de Japiassu (2001) e Moraes (2016) para falar sobre teatro e escola. Os resultados obtidos mostram que ainda trabalha-se o gênero dramático nos livros didáticos, mas de uma forma muito superficial. O primeiro livro aborda questões de autores, anos e obras, mas não sugere que o professor desenvolva uma atividade sobre isso. O segundo e o terceiro apresentam uma atividade, mas não aborda conceitos do que seja cada tipo de gênero dramático ou autor específico. Nota-se também que os dramaturgos brasileiros não são muito estudados, deixando lugar para os portugueses ou para autores de poesia e romance.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Ensino Médio. Gênero dramático. Livro didático.

ABSTRACT

This work aims to analyze how the dramatic genre in literature teaching is inserted in the Portuguese didactic books, being the ones belonging to the collection "*se liga na língua*", by authors Wilton Ormundo and Cristiane Siniscalchi, reflecting on how this genre is approached in didactic books. For this, the analytical *Corpus* is composed of three didactic books, 1st, 2nd and 3rd year of high school. It was chosen to conduct a descriptive and bibliographic research, as work with analysis of chapters of a printed book. The theoretical contribution is based on studies by authors who address the issue of the dramatic genre, such as Boal (2009), Freitas (2011) and Militz (2011). About the theater in Brazil, studies carried out by theorists in the work of Caciaglia (1986). It was decided to base the studies of Japiassu (2001) and Moraes (2016) to talk about theater in school. The results show that the dramatic genre is still worked in didactic books, but in a very superficial way. The first book addresses issues of authors, years and works, but doesn't suggest the teacher to develop an activity about it. The second and third have an activity, but does not deal with concepts of what each type of dramatic genre or specific author. It is also noted that Brazilian playwrights aren't widely spoken, leaving room for the Portuguese or authors of poetry and romance.

Key words: Literature Teaching. High school. Dramatic Genre. Didactic book.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
CAPÍTULO I - GÊNERO DRAMÁTICO: MODOS DE CONTEMPLAÇÃO – DA CATARSE AO ENSINO	4
1 O GÊNERO DRAMÁTICO: DE ARISTÓTELES AOS DIAS ATUAIS	4
1.1 Definição do gênero dramático: visão aristotélica	4
1.2 Breve Panorama do Teatro no Brasil	6
1.3 O gênero dramático e os PCN's	8
1.4 Teatro e educação escolar	11
CAPÍTULO II - O GÊNERO TEATRAL: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NO ENSINO MÉDIO	15
2 O GÊNERO DRAMÁTICO EM “SE LIGA NA LÍNGUA”	15
2.1 O Gênero dramático no primeiro ano do Ensino Médio	15
2.2 O Gênero dramático no segundo ano do Ensino Médio	28
2.3 O Gênero dramático no terceiro ano do Ensino Médio	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura tornou-se um estudo para a sociedade na qual a leitura tem contribuindo positivamente para os avanços literários como para a socialização dos sujeitos nos seus diferentes espaços de interação. Ela proporciona autonomia, bem como caminhos para a descoberta e compreensão do mundo. No entanto, saber-se que poucas pessoas têm o gosto, o domínio e acesso à leitura literária em nosso país.

Esta atividade deve ser iniciada na infância, pois quanto mais cedo se tem contato com a leitura mais rápido se aprende sobre os mecanismos de funcionamento da língua, dá mente tanto na escrita quanto na leitura. E trabalhar com o gênero dramático pode proporcionar essas ferramentas de aprendizagem.

O teatro está inserido no universo das artes e é caracterizado por ser uma atividade que mistura artesanato e sofisticação, teoria e prática, espontaneidade e construção estética, racionalidade e irracionalidade, criatividade e técnica. É também uma arte que mescla palavra, imagem, som, ar, luz, poesia e dramaticidade. Diante disso, esse gênero teatral é muito importante no desenvolvimento dos alunos, já que eles precisam estudar essa dinamicidade, ou seja, as várias formas que são trazidas diante desse gênero.

Nesse sentido, é necessário compreender que a escola deve incentivar esse ensino, tanto nas práticas educativas, quanto nas reflexões acerca do conteúdo trazido no livro didático, pois este, além de refletir sobre o processo de aprendizagem da literatura, também fará com que os alunos interajam socialmente melhor. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o gênero dramático a partir do livro didático do Ensino Médio, buscando perceber as contribuições que são propostas aos professores e alunos no ensino aprendizagem: Os objetivos apresentam-se em discutir o ensino de literatura a partir da relação entre o gênero dramático e os que são efetivamente abordados nos livros da coleção “Se liga na língua”, além de compreender de que forma o gênero dramático contribui para a educação escolar e ainda comparar como é abordado no livro didático nos três anos do ensino médio.

Dessa forma, é necessário refletir acerca de alguns questionamentos: como se dá o ensino de literatura a partir da relação entre gênero dramático e os conteúdos abordados no livro didático? Como o gênero teatral é abordado nos três anos que compõem as fases do Ensino Médio.

O interesse por essa temática surgiu pelo fato de considerar o livro didático como instrumento de aprendizagem para os alunos e suporte para os professores, visto que, muitas vezes, o livro didático pode ser a principal ferramenta, já que muitos até se sentem preso através dele. A escolha dessa temática também se deu pelo fato do gênero dramático ser pouco estudado no ensino médio. Muitas vezes, o trabalho com esse tipo de gênero não ocorre pelo fato de recursos para trabalhar as encenações e também por falta de estudos aprofundados sobre o gênero dramático. Dessa forma, o gênero dramático é colocado como superficial ou não importante, ao se comparado ao estudo de gênero prosa ou poesia.

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é qualificada como descritiva e bibliográfica, pois é analisar conteúdos de dentro de um livro didático, já que, segundo Andrade (2009, p.14), na pesquisa descritiva os fatos são observados, analisados, classificados e interpretados sem que o pesquisador interfira neles. Quanto às técnicas de pesquisa, está se caracteriza como pesquisa documental, já que é dos registros de livros obtidos de diferentes séries que compõem o Ensino Médio, coletando-as, organizando-as e analisando-as.

Para tanto, a fundamentação teórica consiste nos estudos de história da arte abordados por Denardi (2003) que aborda a literatura e formação do leitor baseia-se em Aguiar (2008); além de abordar as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e também nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNs).

O trabalho está dividido da seguinte forma: primeiro, apresentar-se o gênero dramático, no segundo capítulo, é feito um Breve Panorama do Teatro no Brasil, além de mostrar como a LDB e os PCN's abordam. No terceiro capítulo, ocorre a análise dos três livros didáticos do Ensino Médio coleção "Se liga na língua".

Assim, o estudo com o gênero dramático, também levando em consideração a literatura como elemento integrador, faz com que o aluno tenha

maior estímulo em diversas artes e o professor adquira mais conhecimento acerca do assunto.

O *corpus* desta pesquisa se constituirá em três capítulos da coleção “Se liga na língua”, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, sendo que é do 1º, 2º ano e o outro do 3º ano. Os capítulos e sumário são variados, o que possibilitará uma análise mais ampla desse gênero.

Acredita-se que esta pesquisa possa colaborar com discussões acerca da comparação acadêmicas que se entende como uma inspiração para o surgimento de novos estudos e ao mesmo tempo uma reflexão sobre o modo pelo qual se está olhando para o gênero teatral em nossa sociedade.

Dessa forma, as materialidades são compostas pela análise de capítulos de uma coleção de livros diferentes, em que estes abordam alguns casos do gênero dramático, como as obras de Gil Vicente que, em alguns casos, não são apresentadas. Em outras séries, como 2º e 3º ano, os livros não abordam muitas questões da literatura, em especial do gênero dramático.

CAPÍTULO I - GÊNERO DRAMÁTICO: MODOS DE CONTEMPLAÇÃO – DA CATARSE AO ENSINO

1 O GÊNERO DRAMÁTICO: DE ARISTÓTELES AOS DIAS ATUAIS

1.1 Definição do gênero dramático: visão aristotélica

Na visão aristotélica, o gênero dramático é motivo de encenação, já que naquela época utilizava-se muito essa questão para ressaltar as características cômicas presentes na época. Nisso, ao falar no gênero dramático não se pode perder de vista o palco, pois para lá é que se destina o texto. Entretanto, um e outro são fatos diferentes.

Nesse sentido, percebe-se que esse gênero sempre esteve presente, desde a época de Aristóteles, quando este definiu como sendo “poética” e passou a denominar fatores a isto. O filósofo criou uma espécie estética para a arte, o que fez com que isso fosse assemelhado a uma forma de imitação. Mais tarde, os meios de imitação foram evoluindo e fazendo com que outras formas fossem criadas, sendo assim a comédia e a tragédia, por exemplo, tomaram forma.

Assim, ao falar em teatro, os estudos se voltam para Idade Média, em que as pessoas utilizavam esse gênero para expressar suas opiniões, denunciar causas, entre outras coisas. Alguns elementos presentes nesse gênero e que devem ser levados em consideração são: as posições dramáticas, em que o personagem terá muita aparição, já que neste não existe presença de personagens. Em segundo: o trabalho com as unidades. Este consiste na organização das personagens principais em relação aos secundários.

A unidade de ação refere-se ao espaço tempo que a obra deve ter, ou até daquelas que não foram publicadas (MILITZ, 1988), ou seja, o local onde as cenas acontecem. Já a concentração da ação e o uso do diálogo fazem com que o público perceba as intenções de cada personagem, fazendo com que as diversas emoções possam ser repassadas. O clímax também é um ponto chave nesse gênero, pois é quando o fator principal da obra é reativado,

fazendo com que, depois dessa parte do drama, o desfecho esteja mais próximo.

Quando se considera o teatro, dever-se saber que todas as estruturas que as compõem como corpo, voz entonação, entre outros como na peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Nela, as cenas são bem detalhadas, enfatizando elemento por elemento que darão origem a narrativa teatral.

As cenas de *Romeu e Julieta* se desenrolam em praças públicas e ruas de Verona, em vários aposentos e no jardim de Capuleto, na cela de Frei Lourenço, no cemitério e no túmulo da família de Julieta. O tempo se estende por alguns dias, entre o primeiro encontro de Romeu e Julieta, o banimento de Romeu, a combinação do casamento de Julieta com Páris, sua simulada morte na data da cerimônia e a morte dos dois amantes. Mas a unidade de ação se mantém densa na trama de todos os acontecimentos em torno da desavença das famílias Capuleto e Montecchio, que obstou a união dos jovens (CUNHA, 1976, p.119).

Com isso, observa-se que no gênero dramático as personagens devem agir de acordo com a representação que está sendo seguida. As personagens devem dialogar, interpretar de uma maneira que fique claro o que querem que seja repassado para o público. Para que isso ocorra, deve ser necessário que haja um conflito que pretende ou não ser resolvido.

Esse gênero é identificado por Platão a partir de seu traço estilístico diferenciado dos outros gêneros dramáticos – como citado acima: o filósofo o reconhece como sendo o gênero que é inteiramente imitação. A definição oferecida por Aristóteles assevera que este gênero literário é a imitação dos personagens agindo por eles próprios, diferentemente da epopéia, na qual há a intervenção da fala e da vontade do narrador que, inclusive, assume outras personalidades, e igualmente diferente do gênero lírico, que apresenta apenas a subjetividade de um discurso de uma única pessoa (FREITAS, 2011, p.6).

Assim, Aristóteles nos trazia dois tipos de gêneros dramáticos: o gênero trágico e a comédia. No trágico, o objetivo era causar dor e piedade, visto que depois o personagem seria “purificado” desses atos. Em contraposição, ao argumentar sobre comédia lembra-se rapidamente de um gênero que traz risos às pessoas dos diferentes níveis, mas, neste caso, buscavam apresentar (re)

qualificações morais das pessoas, por isso os personagens variavam de bêbados a prostitutas.

Desse modo, atraídos por esses gêneros, os autores trazia à tona sentimentos diversos e variados, que faziam com que estes gostassem e aplaudissem o espetáculo: “a inspiração a estes sentimentos ocorria, sobretudo, pela persuasão da verossimilhança, como já fora dito acima, pois para que o público encontrasse identificação nas atitudes virtuosas do personagem, toda a montagem teatral e o texto dramático deveriam ser verossímeis” (FREITAS, 2011, p.10). O teatro é isto: faz com que as pessoas viajem no tempo, proporcionando a experiência de diferentes realidades que até podem encaixar-se nas suas:

O teatro organiza as artes que organizam a vida social, fora e dentro de cada um de nós, para que possa ser metaforicamente compreendida à distância, não com o nariz colado à realidade onde vivemos. A distância estética permite ver o que, diante de nossos olhos, se esconde (BOAL, 2009, p.119).

Além de fazer com que as personagens se envolvam no drama, o gênero dramático faz com que estes saiam da monotonia diária, ou seja, que possam liberar sua criatividade, concentração e interação com o próximo.

1.2 Breve Panorama do Teatro no Brasil

A catequização dos índios foi uma das formas de manifestação mais presentes e que se multiplicou no Brasil no século XVI. O teatro era utilizado para ensinar aos indígenas coisas da geração europeia, fazendo com que eles se interessassem e aderissem a essa prática. Como exemplo, pode-se citar o Padre José de Anchieta, que catequisava os índios em forma de teatro, com representações sobre o cotidiano e a realidade.

Com a chegada da família real no Brasil, em 1808, o teatro dá um grande salto. D. João VI assina um decreto de 28 de maio de 1810 que reconhece a necessidade da construção de "teatros decentes" para a nobreza que necessitava de diversão. Grandes espetáculos começaram a chegar no Brasil porém, além de serem estrangeiros e refletirem os gostos europeus da época eram somente para os aristocratas e o povo não tinha

qualquer participação, o teatro não tinha uma identidade brasileira (CACIAGLLIA, 1986, p.3).

No século XIX, a “tragédia”, de Antônio José de Anchieta (Poeta), começou a se configurar e muitas pessoas da sociedade puderam ter acesso a esse estilo, que também era considerado uma denúncia atual. Muitos autores desse movimento também surgiram para compor os clássicos da época. Foram estes: Manuel Antônio Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Luís Antônio Burgain, Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Norberto da Silva, Antônio Gonçalves Teixeira e Souza, entre outros renomados até hoje. Caciaglia (1996) aponta que

O teatro realmente nacional só veio se estabilizar em meados do século XIX, quando o Romantismo teve seu início. Martins Pena foi um dos responsáveis pôr isso, através de suas comédias de costumes. Outros nomes de destaque da época foram: o dramaturgo Artur Azevedo, o ator e empresário teatral João Caetano e, na literatura, o escritor Machado de Assis (CACIAGLLIA, 1986, p.12).

Em 1855, surge um tipo de teatro que entra em contingência com a tragédia. O teatro realista no Brasil chega para quebrar com paradigmas, debatendo dramas da atualidade, contrariando ideias, lutando por causas sociais, e revelando amores, traições, sentimentos dos mais “pesados” possíveis. Nesse período, o autor que mais ganhou destaque foi Joaquim Manuel de Macedo, o escritor de *A moreninha*, livro que é destaque nas disciplinas de literatura brasileira.

Em 1922, a Semana de Arte Moderna (SAM) trouxe consigo ideais de autores modernos, que pintavam de uma forma diversa, mostrando que pintura e arte podem andar juntas. Oswald de Andrade, por exemplo, escreveu em 1933 a peça *O rei da vela* apontando elementos modernos e concepções do teatro épico. Então a SAM também serviu como forma de incentivo ao teatro, fazendo com que escritores como Oswald de Andrade e Mario de Andrade entrassem em cena, literalmente. A revolução de 30 fez com que muitos romancistas

modernos fossem inseridos ao teatro, como é o caso de Jorge Amado, que introduziu muitas novidades aos palcos brasileiros.

Em 1943, o teatro brasileiro começou a ganhar mais fama com autores como Ariano Suassuna em sua obra *O Auto da Compadecida*, que retrata não só a seca nordestina, mais causas de adultério, dualidade entre céu e inferno, entre outras causas.

De 1937 a 1945, a ditadura procura silenciar o teatro, mas a ideologia populista, através do teatro de revista (CACIAGLLIA, 1986). Essa ideologia popular é o que nós chamamos de “revolução”, pois foi graças a isto que a liberdade de expressão pode ganhar mais voz, e as pessoas puderam escrever, mesmo que algumas obras ainda sofressem insultos por seus conteúdos. Nessa época, foram criados alguns grupos teatrais com o objetivo da denúncia política e social como Teatro de Arena em São Paulo, Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP), Teatro de Estudantes de Pernambuco (TEP), Teatro Popular Nordestino (TPN).

O teatro nordestino foi marcado por escritores pernambucanos. Ariano Suassuna e outros dramaturgos criticam o fato da burguesia explorar através do imenso poder que lhes é dado, sendo assim, em suas peças, o enredo e os personagens eram astutos, lutavam pela sua existência. O sertanejo, representado em muitas peças, celebrava a fantasia de alguém que lutava para sobreviver.

A comédia brasileira foi marcada pelo golpe militar em 1964, já que com ele as pessoas não podiam manifestar suas opiniões, ainda mais se fossem de acordo com as normas impostas pelo governo. O regionalismo e o nacionalismo também foram fundamentais para o teatro, pois, através do grande conservadorismo que tinham, faziam com que as personagens representassem sua identidade nacional.

1.3 O gênero dramático e os PCN's

É necessário atribuir ao teatro uma grande importância, pois nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) exige-se que isto seja estudado e a disciplina de arte consta um bom material para isso.

De igual maneira é possível e exequível o pós-efeito cognitivo da arte. Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento (VYGOTSKY, 2004, p. 342).

Percebe-se a importância do misto de emoções que o teatro influencia nas pessoas que o vivenciam. O autor cita situações, interpreta-as e faz com que outras pessoas tomem gosto por aquilo.

O teatro é, assim, um ato que exige dos personagens boa fala, ludicidade com o corpo, experiência de vida, entre outros. Teatro é uma atividade coletiva, podendo implicar respeito às regras, decisões conjuntas, trocas de pontos de vista, respeito ao outro, divisão de tarefas (JAPIASSU, 2001).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o teatro tem um papel importante como proposta educacional, especialmente, cumpre não somente a função integradora, porém, oportuniza que o aluno se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais importantes para sua formação social (MORAIS, 2016, p.12).

Assim, o teatro exerce forte influência na sociedade e é trabalhado desde muito tempo tanto nas escolas públicas, quanto nas privadas. Com relação às práticas educativas, este gênero manifesta total importância nas políticas educacionais e é componente de excelência na disciplina de Artes.

Como esse gênero começou a existir no Brasil em meados do século XIX, se tornou tão fundamental, que as escolas passaram a utilizá-lo de forma democrática, visando à prática deste como um processo de escolarização obrigatório.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) é a lei que define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição Brasileira. Foi citada na Constituição de 1934, encaminhada como projeto de lei em 1948, publicada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996. O

ensino das artes é introduzido legalmente no currículo escolar da educação básica, de forma não obrigatória, com a 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB (Lei n.4.024/61) (BRASIL, MEC, 2000 apud MORAIS, 2016, p.15)

Com essa lei, a arte – disciplina em que o teatro é estudado, tornou-se “atividade educativa” – já que não era considerada disciplina obrigatória na rede escolar de ensino, fazendo com que em todos os níveis, independente da rede de ensino, passasse a praticar esses conteúdos.

Mesmo diante desse postulado, as escolas sentiram dificuldades em conseguir profissionais que fossem aptos e capacitados para ensinar tal prática, já que até então não era algo obrigatório, por isso, só depois de três anos de implantação da Lei 5.692/71 começaram a existir profissionais formados em Educação Artística, sendo que estes também seriam considerados profissionais polivalentes.

No ano de 2000, com a nova regulamentação da LDB, Artes passou a ser considerada disciplina, visto que fazia parte das quatro linguagens, destacando-se, principalmente: dança, música, teatro e artes visuais. Com isso, independente da religião, as escolas sempre buscam que os alunos pratiquem as mais variadas artes.

De igual maneira é possível e exequível o pós-efeito cognitivo da arte. Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento (VYGOTSKY, 2004, p. 342).

Neste contexto, percebe-se que quem pratica teatro exerce influência no seu eu, ou seja, um ator não precisa experimentar de todas as situações para sentir-se emocionado ao representar ou assistir uma peça romântica. Assim, mesmo esse gênero sendo fortemente enfatizado na LDB e nos PCN'S, muitas escolas ainda não veem esse gênero como importante. Até mesmo nos livros didáticos percebe-se o estudo de gramática e matemática, deixando de lado o gênero teatral. Portanto,

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações (BRASIL, 1998, p. 25).

Com isso, nota-se que os documentos da educação também influenciam a prática deste gênero, desde que isso não comprometa a integridade física e nem os processos metodológicos que envolver a escola ou a vida dos profissionais e alunos.

1.4 Teatro e educação escolar

O teatro é um elemento fundamental na desenvoltura de crianças e adolescentes. Ele serve como incentivo para que novas formas de ensino sejam valorizadas e serve também como uma forma de interação entre essas pessoas.

O teatro faz com que a criança se divirta e permite o alcance da plenitude da dimensão sócio/cultural com o desenvolvimento, auto expressão, podendo imitar a realidade brincando e aprofundando a descoberta nas primeiras atividades, rica e necessária, no auxílio do processo de eclosão da personalidade e do imaginário que constitui um meio de expressão privilegiado da criança (REVERBEL, 1997, p.134).

Nas escolas das redes públicas e particulares, percebe-se a importância desse gênero no que tange a interação entre as crianças e adolescentes. Além de influenciar na interação, ao se trabalhar com teatro nas escolas, o corpo docente sente-se motivado, engajado, com uma personalidade mais forte e com senso crítico e imaginário mais aflorado.

O teatro também permite que o professor perceba traços da personalidade, comportamento individual ou em grupo, bem como seu desenvolvimento, oportunizando um melhor direcionamento pedagógico, e para uma melhor realização de cenas dramáticas, trabalha-se faz de conta, imaginação, interpretação (GRANERO, 2011, p.56).

Na educação infantil, o professor ao trabalhar com esse gênero deve estimular os alunos a exercerem sua imaginação, já que são crianças, a imaginação é um elemento fértil e o gênero também se torna algo de fácil aceitação. Ao fazer isso, o professor precisa compreender que aquilo não é apenas uma brincadeira para passar o tempo, mas uma fonte de interação e desenvolvimento crítico desses alunos.

Trabalhar com teatro é trabalhar a criatividade de crianças e jovens, já que estão em fase de desenvolvimento mental e físico, que podem, democraticamente, expor suas opiniões e críticas sobre a sociedade. Reverbel (1997 *apud* Moraes 2016) argumenta que o objetivo na escola ao trabalhar com a expressão artística não é ter um aluno-autor, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana.

Assim, Japiassu (2001) aborda que a essência do ensino de artes não é criar artistas e sim desenvolver humanos que sejam capazes de compreender coisas do mundo tanto cognitivamente como psicologicamente, afetivamente, entre outros. Dessa forma, utilizar o teatro na educação possibilita as crianças e adolescentes trabalhar vários temas de forma lúdica, sabendo eles que podem dar as suas opiniões, expô-las e criticar concordando ou não com a imposição do professor sobre suas apresentações.

O teatro amplia o horizonte dos alunos, melhora sua autoimagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vivem. O teatro a serviço da educação dá ao educando o ensejo de valorizar-se, de integrar-se harmoniosamente a um grupo, aumentando o senso de responsabilidade e o sucesso do trabalho se dá devido à soma dos esforços de todo o conjunto. É o momento em que ocorre o desenvolvimento de cada um e do grupo, fundamentado na complementaridade das diferenças. A atividade teatral ensina aos educandos a aprenderem com a diversidade, pois somente assim é que pode ocorrer a construção do conhecimento do sujeito (MORAIS, 2016, p.25).

Assim, quando o aluno passa a se interessar em dramatizar algo, se assim for dito, ele estará com novos horizontes sendo ampliados para si, já que, como apresenta Japiassu (2001, p.5) “O teatro e as artes, de acordo com essa abordagem, são concebidos como linguagens, como sistemas semióticos de representação especificamente humanos”, ou seja, o teatro é uma

linguagem expressiva, usada através do corpo e da fala de atores que estão ali com propósitos.

Para Boal (2009, p.107) “todas as formas de criação artística, toda especulação filosófica e estética, podem ajudar a enriquecer nossa sensibilidade e nossa inteligência – dependendo do tempo e lugar”. Nesse sentido, alguém que leva o teatro como modo de vida na escola e fora dela, passa a ter sua vida social mais organizada, pois compreende e aprende a ter uma nova forma de vida.

Por meio do teatro, não só a disciplina de Artes pode ser incentivada, mas também outras disciplinas. Por exemplo, no ensino de Língua Portuguesa, o professor pode apresentar textos para serem lidos e depois interpretados por seus alunos. Nas artes plásticas o professor pode auxiliar na confecção de cenários e roupas para as peças, e assim por diante.

Assim, incentivar os nossos alunos a criarem suas próprias apresentações, para que não se tornem meros copiadores. Boal (2009): afirma que:

Não podemos ser apenas consumidores de obras alheias porque elas nos trazem seus pensamentos, não os nossos; suas formas de compreender o mundo, não a nossa. Seus desejos, não os nossos. Elas podem nos enriquecer; mais ricos seremos produzindo, nós também, a nossa arte, estabelecendo, assim, o diálogo (BOAL, 2009, p. 119).

O conteúdo escolar propriamente dito como: português, matemática, história, entre outros, não deve ser apenas exclusivo em uma escola, pois, a partir do teatro o aluno pode desenvolver o gosto pela leitura, aprender a se socializar com os colegas e a desenvolver seu pensamento crítico.

Entretanto, nunca se deve trabalhar o teatro como forma exclusiva, e sim adaptá-lo aos vários ambientes em que este possa estar engajado. A arte de representar algo em um espaço teatral faz com que as crianças vejam que não existe apenas a comunicação em massa, mas que esse gênero desempenha várias possibilidades de ensino aprendizagem.

Portanto, a escola precisa buscar novas formas para que esse gênero seja trabalhado com sucesso, não se detendo apenas a propostas do livro

didático. É necessário que existam novas fontes de pesquisa, divulgação e associação com outras disciplinas.

Neste capítulo há análises do livro didático “Se liga na língua” dos autores Wilton Ormund e Cristiane Siniscalchi, do Ensino Médio. Este capítulo mostra o gênero dramático como interação à busca do conhecimento. O gênero dramático como um instrumento educativo no processo ensino aprendizagem da leitura. Além disso, essas discussões são necessárias para abordar teorias do teatro enquanto metodologia de ensino aprendizagem no contexto de educacional.

CAPÍTULO II - O GÊNERO TEATRAL: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NO ENSINO MÉDIO

2 O GÊNERO DRAMÁTICO EM “SE LIGA NA LÍNGUA”

2.1 O Gênero dramático no primeiro ano do Ensino Médio

O trabalho com o livro didático é uma forma bastante comum entre professores de diferentes séries e níveis escolares. Assim, partindo desse pressuposto, a análise constará em como gênero dramático é visto nos livros didáticos dos três níveis do Ensino Médio, sendo estes pertencentes à coleção “se liga na língua”, da disciplina Língua Portuguesa, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi.

Nesta análise, inicia-se pelo 1º ano do Ensino Médio, apresentando as ordens dos capítulos presentes no sumário, verificando como o autor irá organizar seu livro e como o mesmo tratará a questão do gênero teatro no primeiro nível do Ensino Médio.

SUMÁRIO	
LITERATURA	
<i>Uma só realidade não é o bastante</i>	
	
<small>HUGO RAVAZO</small>	
UNIDADE 1 – Afinal, pra que serve a literatura? 14	
• Capítulo 1 – O texto literário 16	
Pra começar: conversa com a tradição 17	
Leitura: "Elogio da memória", de José Paulo Paes 17	
A literatura atribui novos sentidos às palavras 18	
Leitura: "Guardar", de Antonio Cicero 18	
A linguagem literária é predominantemente conotativa 19	
Movimentos literários 19	
Contexto histórico e historiografia 20	
Leitura: trecho de <i>A moreninha</i> , de Joaquim Manuel de Macedo, e "Pista de dança", de Waly Salomão 20	
Intertextualidade e biblioteca cultural 23	
Atividade – Leitura de texto: "A incapacidade de ser verdadeiro", de Carlos Drummond de Andrade 25	
Capítulo 2 – Gêneros literários (I): o épico e o dramático 26	
Pra começar 27	
Leitura: trecho da <i>Odisseia</i> , de Homero 27	
A teoria clássica dos gêneros 28	
Gênero épico: narrativa da grandiosidade 29	
Gêneros literários modernos 29	
Leitura: "No metrô vazio", de Heloisa Seixas 30	
Gênero dramático: a arte da ação 31	
Tragédia: destino e purificação 31	
Comédia: rir de nós mesmos 31	
Atividade – Textos em conversa: "Porto Alegre (Nos braços de Calipso)", de Péricles Cavalcanti 32	
• Capítulo 3 – Gêneros literários (II): o lírico (estudo do poema) 33	
Pra começar 34	
Leitura: haikai de Mario Quintana 34	
Gênero lírico: expressão do "eu" 34	
Poema é literatura 35	
Leitura: "Amor é um fogo que arde sem se ver", de Luís de Camões 35	
Características do poema 35	
Verso e estrofe 35	
Leitura: "Uma voz", de Ferreira Gullar 35	
Ritmo e métrica 35	
Leitura: "Amor punk", de Nicholas Behr 35	
Rima 35	
Recorrências 35	
Leitura: "Tudo escapa aqui dentro", de Bruno Zeni 35	
Atividade: criação de um haikai 35	
• Leitura puxa leitura 35	
UNIDADE 2 – A herança lusitana	
• Capítulo 4 – Os primórdios da literatura na nossa língua	
Pra começar: conversa com a tradição	
Leitura: "Fez-se mar", de Marcelo Camargo 35	
Poesia lírica: o amor em três tempos	
Trovadorismo: as cantigas medievais	
As cantigas de amor	

Figura 1 (ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

Na primeira parte do sumário, nota-se que o autor pretende abordar a literatura como chave principal do capítulo. Neste sentido, o capítulo adentra nos gêneros dramáticos, sendo possível perceber que o gênero épico e o dramático são os escolhidos para as discussões no livro.

Leitura: "Que prazer havedes, senhor", de D. Dinis	50		
As cantigas de amigo	51		
Leitura: "Al eu coitada, como vivo em gram cuidado", de Sancho I	51		
Atividade – Textos em conversa: "Amor brando", de Karina Buhr	52		
Humanismo: a poesia palaciana	52		
Leitura: "Vossa grande crueldade", de Francisco da Silveira	53		
Classicismo: a lírica de Camões	54		
Leitura: "Um mover de olhos, brando e piedoso", de Luís de Camões	56		
Gil Vicente e o teatro no Humanismo	57		
Leitura: trecho do <i>Auto da barca do inferno</i> , de Gil Vicente	58		
Classicismo português: <i>Os Lusíadas</i>	60		
Episódios: diálogos intertextuais	61		
Velho do Restelo	61		
Leitura: trecho de <i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões	62		
Gigante Adamastor	63		
Atividade – Textos em conversa: "O mostrengo que está no fim do mar", de Fernando Pessoa, e trecho de <i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões	65		
Capítulo 5 – Quinhentismo: escritos sobre um outro mundo	67		
Pra começar	68		
Leitura: "A terra que se abre como flor", de Sérgio Cohn	68		
O Brasil antes e depois de Portugal	70		
A Carta de Caminha	71		
Leitura: trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha	72		
Outros olhares sobre o Brasil	75		
Uma escrita para conversão	75		
Síntese dos movimentos literários brasileiros	76		
Atividade – Leitura de texto: trecho de <i>Tratado da Terra do Brasil</i> , de Pero de Magalhães de Gandavo, e <i>Primeira missa no Brasil</i> , de Victor Meirelles	78		
Pressões	80		
Leitura puxa leitura	82		
		UNIDADE 3 – Barroco: um movimento extravagante	84
		Capítulo 6 – Barroco: movimento dos contrastes	86
		Pra começar: conversa com a tradição	87
		Leitura: "Feito pra acabar", de Marcelo Jeneci	87
		O dualismo típico do Barroco	88
		Leitura: "Moraliza o poeta nos ocidentais do Sol a inconstância dos bens do mundo", de Gregório de Matos	88
		Barroco: a busca por outra beleza	89
		O Barroco espanhol	90
		Gongorismo versus Conceptismo	91
		O Barroco em terras portuguesas	91
		Cartas barrocas: grandes expressões literárias	92
		Alcoforado: cinco cartas de amor rasgado	92
		Atividade – Leitura de texto: "Apólogo da Morte", de D. Francisco Manuel de Melo, e "Quinta", de Sórora Mariana Alcoforado	93
		Capítulo 7 – O Barroco no Brasil: Gregório de Matos e Padre Vieira	96
		Pra começar	96
		Leitura: "Achando-se um braço perdido do Menino Deus de N. S. das Maravilhas, que desacataram infiéis na Sé da Bahia", de Gregório de Matos	96
		Gregório de Matos: um poeta completo	96
		A poesia satírica	96
		Leitura: "Juízo anatómico dos achaques que padecia o corpo da República, em todos os membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia", de Gregório de Matos	96
		A poesia amorosa	96
		Padre Antônio Vieira: o homem da palavra	96
		Sermões: sedução e pregação	96
		O estilo de Vieira: clássico e barroco	96
		Barroco tardio: pinturas e igrejas	96
		Atividade – Leitura de texto: trecho do "Sermão ao enterro dos ossos dos enforcados", de Padre Antônio Vieira	96
		Leitura puxa leitura	96

Figura 2(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

Na segunda parte do sumário, outros gêneros literários ainda são abordados, o que fazem com que o professor tenha várias opções para desenvolver os trabalhos voltados no que se refere à literatura. No capítulo 7 do sumário, o autor apresenta o movimento Barroco e utiliza Gregório de Matos e o Padre Antônio Vieira como exemplo de autores desse movimento. Nota-se que o gênero dramático não é citado, ficando a discussão somente para a poesia e os sermões, dos autores, respectivamente.

Para tanto, os demais capítulos do sumário, que serão vistos a seguir, não incentivam mais o estudo do gênero dramático, mas dão prioridade ao estudo de outras escolas literárias como o Arcadismo.

SUMÁRIO		PRODUÇÃO DE TEXTO	
		Nós nos comunicamos por gêneros	
UNIDADE 4 – Arcadismo: simplicidade, equilíbrio e razão 108			
• Capítulo 8 – Arcadismo: o retorno dos clássicos 110			
Pra começar: conversa com a tradição 111			
Leitura: "Vilarejo", de Marisa Monte, e Tumblr, de Aldo Fabrini Assayag 111			
De Arcadismo ao Neoclassicismo 112			
Enciclopédia: a bíblia iluminista 113			
Arcadismo em Portugal 113			
Bocage: poeta de tantas faces 116			
Leitura: "Já se afastou de nós o Inverno agreste" e "Importuna Razão, não me persigas", de Bocage 117			
Atividade – Textos em conversa: "Almas, vidas, pensamentos", de Bocage, e "A pesca", de Affonso Romano de Sant'Anna 119			
• Capítulo 9 – Arcadismo no Brasil: a poesia épica e a lírica 121			
Pra começar 122			
Leitura: trechos de <i>Caramuru</i> , de Santa Rita Durão 122			
A poesia épica 124			
Basílio da Gama: a defesa do nativo 124			
<i>O Uruguai</i> 124			
Leitura: trecho de <i>O Uruguai</i> , de Basílio da Gama 125			
A poesia lírica 127			
Cláudio Manuel da Costa 128			
O pastor sofredor 128			
Leitura: "Soneto XIV", de Cláudio Manuel da Costa 128			
Tomás Antônio Gonzaga 130			
<i>Marília de Dirceu</i> 130			
Leitura: trecho de <i>Marília de Dirceu</i> , de Tomás Antônio Gonzaga 131			
<i>Cartas chilenas</i> 132			
Atividade – Textos em conversa: "A uma senhora natural do Rio de Janeiro, onde se achava então o autor", de Basílio da Gama, e "Nunca não ser ninguém nem nada", de Paulo Henriques Britto 133			
pressões 135			
Leitura puxa leitura 136			
UNIDADE 5 – O domínio discursivo do lazer 142		• Capítulo 10 – História em quadrinhos: gênero que muitos amam 144	
Pra começar 145		Primeira leitura: HQ <i>Quase nada</i> , de Moon e Bá 146	
Estudo do gênero 14		Segunda leitura: tira <i>Calvin e Haroldo</i> , de Bill Watterson, e HQ <i>Turma da Mônica Jovem</i> , de Mauricio de Sousa 14	
Textos em relação 1		A linguagem própria das histórias em quadrinhos 1	
Os elementos implícitos 1		Desafio de linguagem 1	
Produza sua história em quadrinhos 1		Avaliação e reescrita: etapas fundamentais da produção textual 1	

Figura 3 (ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

Os primeiros capítulos do sumário abordam o gênero dramático como instrumento de ensino e aprendizagem para alunos, assim, quando o professor

começa a ensinar esse gênero, os alunos podem demonstrar interesse, pois os conteúdos vão desde a teoria literária, até a prática. Para Solé (1998, p.22):

A leitura é um processo em que o leitor interage com o texto, visando a obter uma informação determinada para satisfazer os objetivos que o levaram ao ato de ler. Preenche, assim, uma necessidade de informações específicas, através da leitura. O sujeito que lê é aquele que busca atingir uma finalidade durante o contato com seu objeto de leitura.

Assim, o ensino de literatura como fortalecimento da leitura poderá ter funcionamento e funções importantes para despertar a curiosidade de descobrir que mundo é este da leitura, que além de possibilitar o contato de mundos fantásticos e desconhecidos, ainda tem função disciplinadora no crescimento do português. Logo, isso só será possível, se o professor “dominar” a língua nos seus diferentes conjuntos de regras, sendo apto a desenvolver e organizar o pensamento do aluno com relação à escrita, aperfeiçoamento da comunicação e, conseqüentemente, a compreensão de textos.

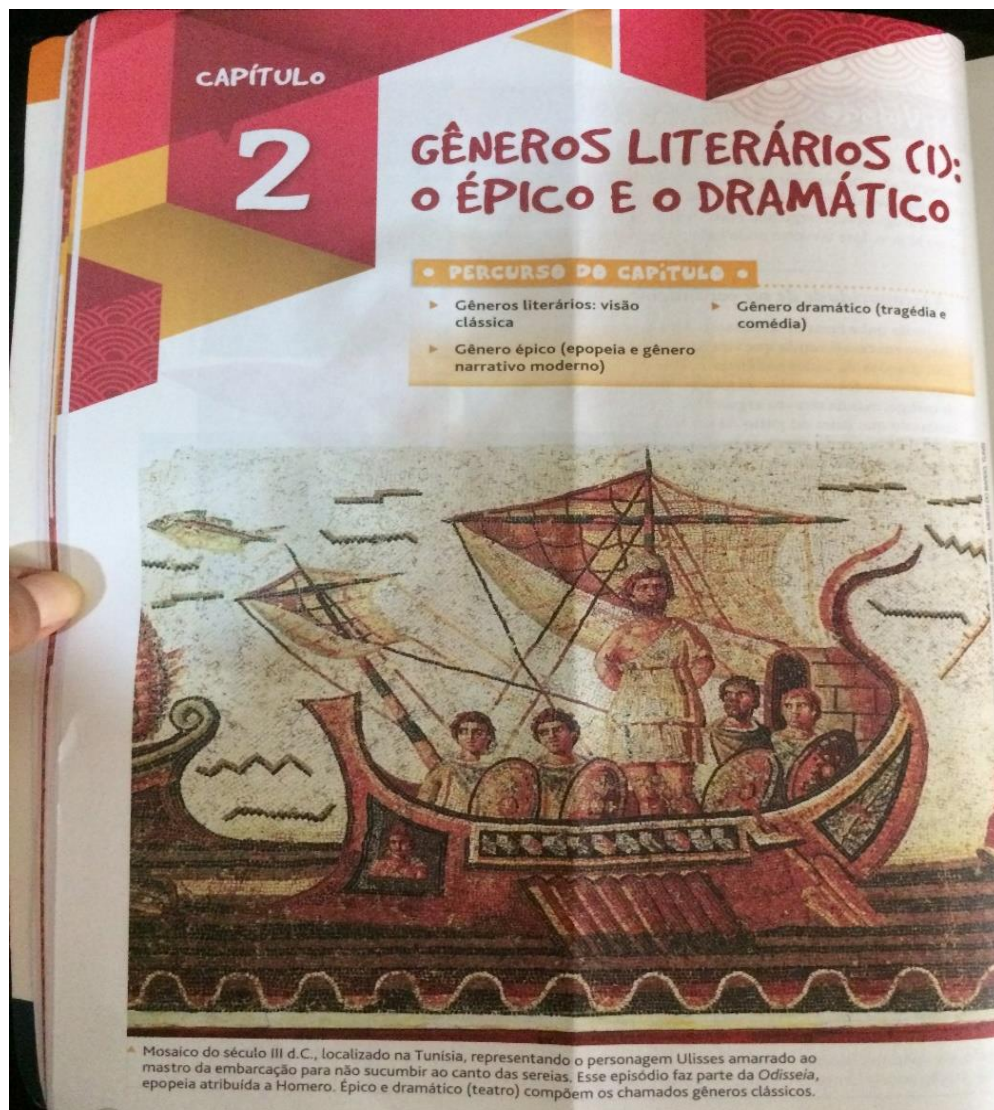


Figura 4(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

Neste capítulo, o autor adota como tema os gêneros literários épico e dramático. É importante valorizar esses gêneros, pois, na maioria das vezes, os alunos chegam ao Ensino Médio sem o conhecimento básico desse tipo de literatura.

Na imagem que abre o capítulo, percebe-se uma cena clássica do livro e filme “Odisseia”, que se trata de uma epopeia de Homero, em que épico e dramático se juntam para compor o teatro. É interessante notar que, quando o professor apresenta essa imagem aos seus alunos, estes podem sentir-se interessados em conhecer a história e, possivelmente, terão que ter conhecimento sobre esses gêneros.

Em “percurso do capítulo” – nomeado pelos autores do livro didático- há um resumo de tudo que será estudado neste capítulo, desde os gêneros literários aos épicos (epopeia e gênero narrativo moderno), até o dramático (tragédia e comédia).

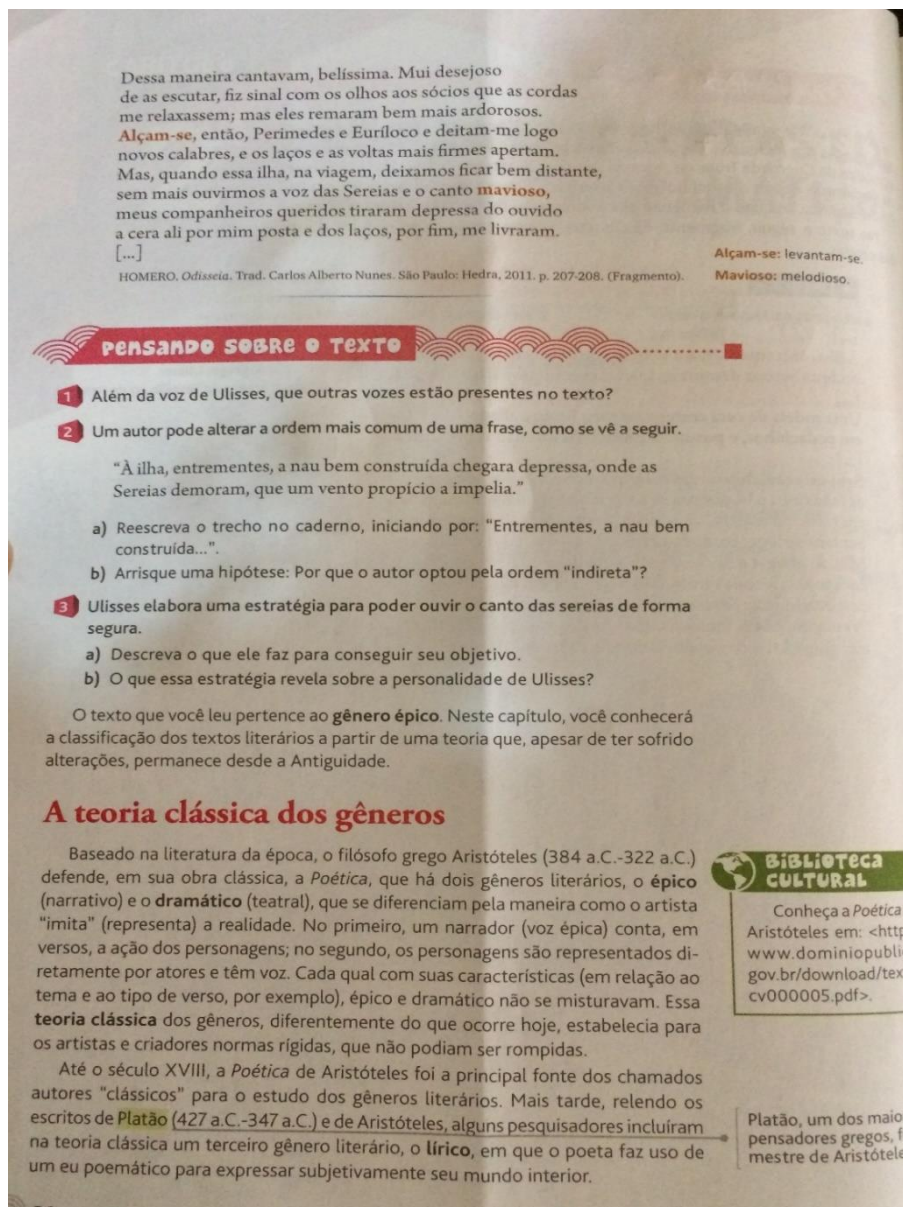


Figura 5(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

Japiassu (2001) aborda que para se estudar um determinado gênero dramático é necessário que se tenha familiaridade com o vocabulário e os saberes desse conhecimento. Assim, ao abordar a teoria clássica dos gêneros os autores buscam situar as diferenças entre épico e dramático, além de lírico,

para que os alunos não sintam dificuldades em estabelecer conexões e diferenças entre esses gêneros.

Nessa perspectiva, percebe-se que o estudo do ensino de literatura é de suma importância no ambiente educacional, pois é perceptível que esse assunto venha contribuir de forma significativa no processo ensino aprendizagem. De acordo com Aguiar e Bordini (1988, p.47-48):

É necessário que o ensino da literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante, para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno.

Nessa linha de entendimento, a partir dessas considerações que é necessário despertar nos alunos a importância da leitura, valorizando seus conhecimentos adquiridos, para instigá-los a buscar mais informações nos textos literários. Se o aluno tende a buscar mais conhecimento através de leituras é claro que à medida que ele vai superando as dificuldades transformando-as em avanços que os constitui como sujeito, criando novas relações entre situações reais e situações de pensamento.

Conheça agora aspectos dos gêneros épico e dramático. No próximo capítulo, você estudará o gênero lírico.

► **Gênero épico: narrativa da grandiosidade**

Você conhece a lenda do cavalo de Troia? Sabe o que significa a expressão "calcanhar de Aquiles"? Já havia ouvido, antes de começarmos este capítulo, a narrativa em o canto da sereia, o mais belo a que um mortal poderia ter acesso?

As histórias ligadas a essas perguntas são muito antigas, mas permanecem em nossa memória graças ao conhecimento que temos das **epopeias** greco-latinas, mais conhecidos desse gênero literário são a *Ilíada* e a *Odisseia*, atribuídas ao grego Homero, a *Eneida*, do poeta latino Virgílio, e *Os Lusíadas*, obra escrita pelo poeta português Camões. No Brasil, um exemplo de poema épico é *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão, que estudaremos no capítulo 9.

No gênero épico, diferentemente do gênero lírico, em que o poeta se expressa subjetiva e individualmente por meio de um "eu", os fatos grandiosos de um povo são narrados por uma **voz épica**. Dessa forma, o poeta transforma-se numa espécie de porta-voz de sua gente.

► Réplica do cavalo de Troia criada para o filme *Troia*, dirigido por Wolfgang Petersen (EUA, 2004). A expressão pejorativa "presente de grego" está relacionada ao episódio da *Ilíada*, no qual os gregos, em guerra com os troianos, presentearam o inimigo com um cavalo de madeira, dentro do qual estavam os soldados que invadiram e destruíram a cidade de Troia.



• **Gêneros literários modernos**

Alguns elementos das epopeias, descritos por Platão e Aristóteles, influenciaram os chamados "gêneros literários modernos" em prosa. Com o passar dos séculos, o herói representativo de uma coletividade (enaltecido no gênero épico) foi cedendo lugar ao indivíduo problemático comum. Estavam criadas as condições para o surgimento de gêneros como o romance, por exemplo, focado no herói individualista.

29

Figura 6(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

Nesta parte do capítulo, percebe-se que os autores começam as considerações sobre o gênero épico e suas contribuições. São citados vários exemplos desse gênero como a *Ilíada*, a *Odisseia*, *Os Lusíadas*, de Camões e *Caramuru*, de Diogo Álvares Correia, todos acompanhados dos autores específicos de cada.

É importante salientar que o ensino e a aprendizagem no livro da primeira série ocorrem de forma contextualizada e a todo instante os autores buscam unir teoria e prática, já que a partir da imagem que é trazida nessa página (cavalo de troia), o professor pode, além de instruir os alunos a assistirem o filme para realizarem uma peça teatral depois, como também a

O que mais impossibilita a compreensão é que, apesar dessa diferenciação, autores canônicos não são citados, como Martins Pena, Machado de Assis, José de Alencar, Nelson Rodrigues, Joaquim Manuel Macedo, nem existe um exercício específico para que os professores possa trabalhar esse gênero de forma dinâmica.

Camões e o ideal platônico


Diversos autores do Classicismo foram influenciados pelas ideias de Platão (428-348? a.C.), considerado um dos mais importantes filósofos gregos. Segundo o filósofo, a verdadeira realidade existiria, de fato, no "mundo incorpóreo das ideias", e a esfera em que vivemos (chamada de *mundo sensível*) constituiria apenas um conjunto imperfeito de cópias, sombras, esboços e lembranças de um *mundo inteligível* (do Bom, do Belo e do Verdadeiro). Platão concebia o Amor (com maiúscula) como um sentimento ideal, de espírito, que transcenderia o mundo sensível para eternizar-se no mundo inteligível.

Muitos intelectuais cristãos adaptaram o idealismo de Platão de modo a atender o princípio de que o homem é formado de *corpo* (parte sensível) e *alma* (parte inteligível) — daí o cristianismo atribuir à alma um valor superior ao do corpo. As releituras das concepções platônicas são denominadas **neoplatonismo**.

Observe que o poema "Um mover de olhos, brando e piedoso" trata da Mulher, não particularizada, que representa todas e, ao mesmo tempo, nenhuma em especial. Em muitos textos de Camões está presente não exatamente o amor pela Mulher, mas pela possibilidade que ela proporciona de despertar esse sentimento absoluto no eu lírico. Trata-se, portanto, de um amor racional, impessoal, ou seja, do **amor ao Amor** (ao sentimento amoroso sublime).

INVESTIÇÃO EM FILOSOFIA

O que é o mito da caverna de Platão? Por que esse mito é tão importante para a história do pensamento ocidental?



Gil Vicente e o teatro no Humanismo

Ao longo da Idade Média, desenvolveu-se em grande parte da Europa um teatro diferente daquele que era praticado na Antiguidade greco-latina: o **teatro popular**. Esse teatro — inicialmente falado em latim e depois em francês — teve sua provável origem na França, em meados do século XII; nele interpretavam-se peças religiosas em datas como o Natal e a Páscoa. Os mistérios e milagres (como eram denominados) eram representados dentro da igreja. Com o tempo, as peças — encenadas pelo povo e com caráter não religioso, profano — saíram dos templos e passaram a ser apresentadas em palcos localizados em frente à igreja, depois em mercados, feiras, castelos etc.

Foi esse tipo de teatro que Gil Vicente (1465?-1536?) introduziu em Portugal durante o Humanismo.

Além dos **autos** religiosos ligados à tradição medieval, Gil Vicente também escreveu **farsas**, peças que compõem um retrato satírico e crítico da sociedade, englobando os plebeus, o alto e o baixo clero, a nascente burguesia urbana e os fidalgos, como em: *Farsa de Inês Pereira*, *Quem tem farelos?*, *Trilogia das barcas*, entre outras.

Sua crítica aguda muitas vezes era indireta, disfarçada e amenizada pelo humor. Esse acentuado elemento cômico do teatro vicentino tinha, na verdade, a intenção de moralizar uma sociedade contaminada por vícios, injustiças e hipocrisias. Gil Vicente não poupava ninguém, exceto os reis.

O texto a seguir integra a primeira parte da trilogia das barcas, que inclui as peças *Auto da barca do inferno*, *Auto da barca do purgatório* e *Auto da barca da glória*. No moralizante *Auto da barca do inferno*, personagens mortos estão diante de dois barcos, um que terá como destino o céu e outro que conduzirá as almas para o inferno. Um Anjo e um Demônio são os capitães dos barcos e dialogam com os vários personagens em **quadros** (sucessões de cenas relativamente independentes).

O primeiro personagem a aparecer diante do barco com destino ao inferno é o Fidalgo (nobre), que carrega uma cadeira.

Do latim *pro* ("diante de") e *fanum* ("templo"), significa literalmente "que fica em frente ao templo".

Farsa é uma peça que parte de situações ridículas e caricaturais. Nela, exagera-se o elemento cômico.

57

Figura 8(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

Porém, os autores apresentam a origem do teatro português a partir de Gil Vicente foi considerado um importante dramaturgo português, sendo considerado também um famoso escritor. As suas obras foram escritas durante a idade média e passaram pelo percurso do Renascimento, chegando a

igualarem-se as obras de Camões e sendo considerado um grande nome na Literatura Portuguesa. Suas obras são estudadas até hoje em escolas e universidades, pois são consideradas exemplos de textos para serem interpretados e encenados.

Diferentemente da página analisada anteriormente, nesta, os autores fazem um percurso maior da história, até chegar ao teatro popular. Os autores começam teorizando sobre esse teatro para depois adentrarem no mundo de Gil Vicente, citando exemplos de suas farsas e de suas obras mais importantes.

O que perceber-se é a falta de uma contextualização sobre a história de vida de Gil Vicente, já que foi um importante dramaturgo dessa época. Na imagem seguinte, se vê que, diferente de outras análises, os autores trazem o exemplo de uma obra do autor Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, com o intuito de que o professor incentive os seus alunos a encenarem essa peça teatral.

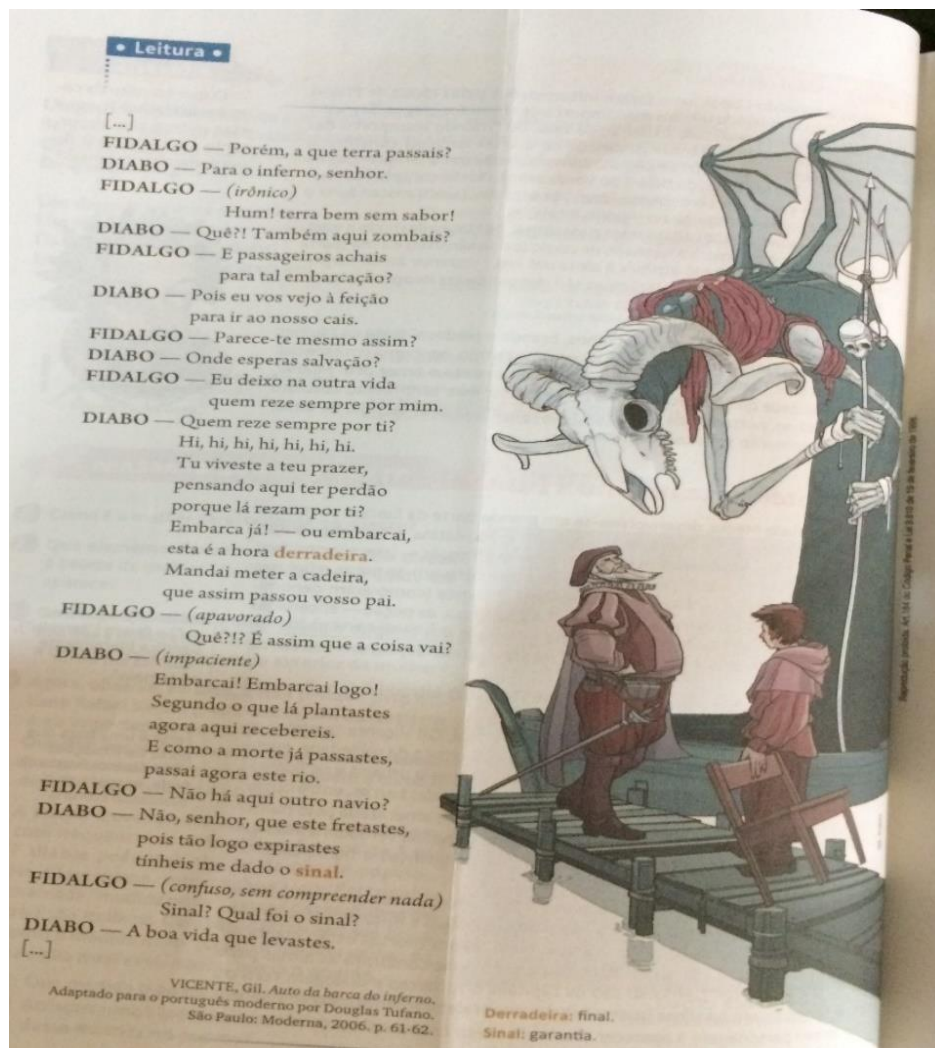


Figura 9(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

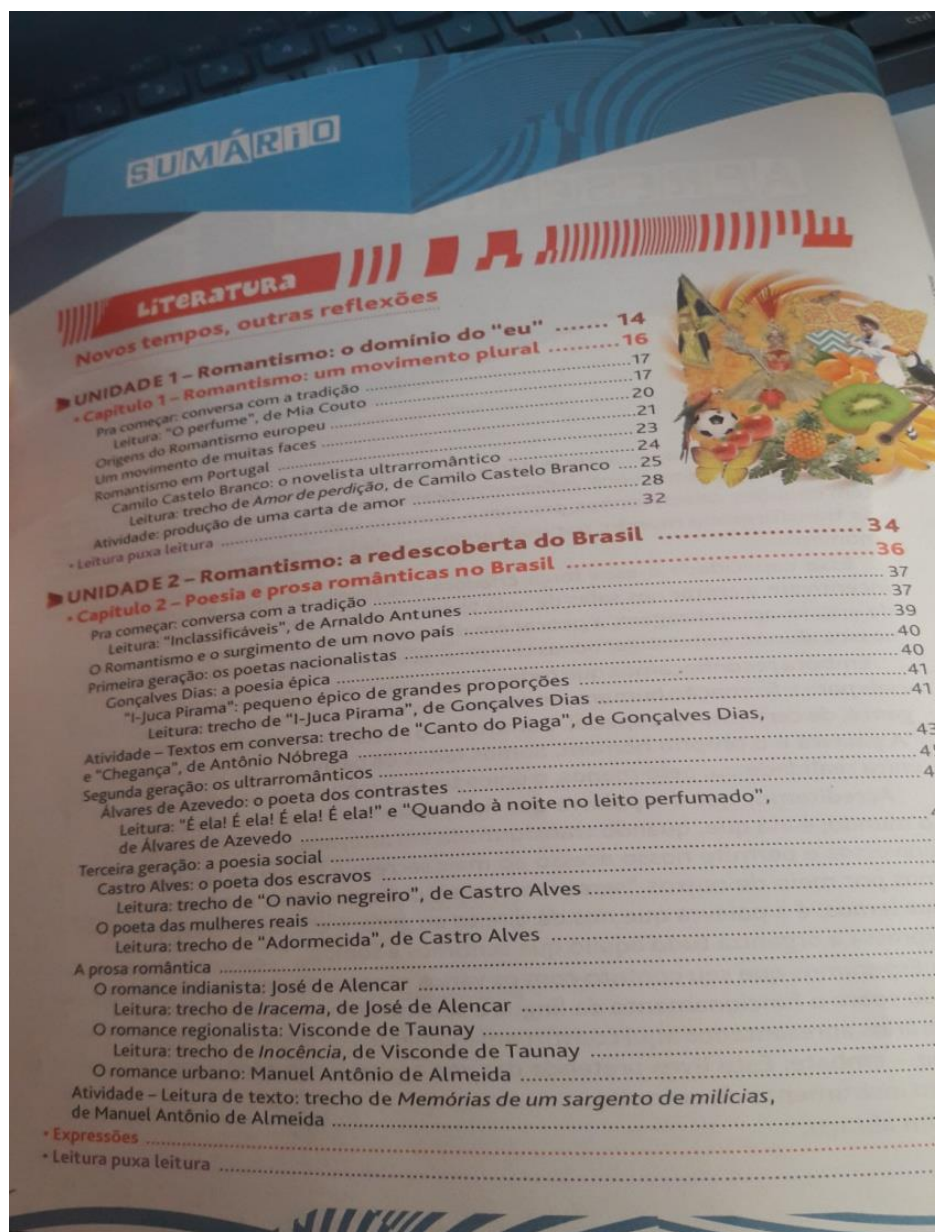
O interessante nesta imagem do livro didático é que os autores buscam trazer imagens que representam os personagens que estão dialogando no trecho da peça, sendo estes o diabo – representado pela figura de um esqueleto, e o outro o fidalgo, personagem velho com roupas pretas.

Como *O Auto da barca do inferno* é uma peça muito grande, seria impossível retratá-la inteira em um livro didático, por isso o autor escolhe trazer um trecho que seja significativo e que possa despertar o interesse dos alunos. Mesmo diante de exemplos que os autores trazem, ainda é visível a falta de planos e exercícios que ajudem o professor a elaborar seu plano. É fato que um trecho da peça é trazido, mas depois disso o capítulo se encerra sem existir uma interpretação da mesma.

Assim, os capítulos do livro didático do 1º ano trazem exemplos e teorias do gênero dramático, além de conceitos e exemplos de autores que trabalham com os gêneros. O que se torna alvo de questionamentos é que nestes capítulos faltam a presença de sugestões de produções para que os professores trabalhem com seus alunos.

A seguir, aborda-se a análise do livro didático 2, do 2º ano do Ensino Médio, da mesma coleção do anterior.

2.2 O Gênero dramático no segundo ano do Ensino Médio



LITERATURA	
Novos tempos, outras reflexões	
UNIDADE 1 – Romantismo: o domínio do "eu"	14
• Capítulo 1 – Romantismo: um movimento plural	16
Pra começar: conversa com a tradição	17
Leitura: "O perfume", de Mia Couto	17
Origens do Romantismo europeu	20
Um movimento de muitas faces	21
Romantismo em Portugal	23
Camilo Castelo Branco: o novelista ultrarromântico	24
Leitura: trecho de <i>Amor de perdição</i> , de Camilo Castelo Branco	25
Atividade: produção de uma carta de amor	28
Leitura puxa leitura	32
UNIDADE 2 – Romantismo: a redescoberta do Brasil	34
• Capítulo 2 – Poesia e prosa românticas no Brasil	36
Pra começar: conversa com a tradição	37
Leitura: "Inclassificáveis", de Arnaldo Antunes	37
O Romantismo e o surgimento de um novo país	39
Primeira geração: os poetas nacionalistas	40
Gonçalves Dias: a poesia épica	40
"Í-Juca Pirama": pequeno épico de grandes proporções	41
Leitura: trecho de "Í-Juca Pirama", de Gonçalves Dias	41
Atividade – Textos em conversa: trecho de "Canto do Piaga", de Gonçalves Dias, e "Chegança", de Antônio Nóbrega	43
Segunda geração: os ultrarromânticos	45
Álvares de Azevedo: o poeta dos contrastes	45
Leitura: "É ela! É ela! É ela! É ela!" e "Quando à noite no leito perfumado", de Álvares de Azevedo	4
Terceira geração: a poesia social	4
Castro Alves: o poeta dos escravos	4
Leitura: trecho de "O navio negreiro", de Castro Alves	4
O poeta das mulheres reais	4
Leitura: trecho de "Adormecida", de Castro Alves	4
A prosa romântica	4
O romance indianista: José de Alencar	4
Leitura: trecho de <i>Iracema</i> , de José de Alencar	4
O romance regionalista: Visconde de Taunay	4
Leitura: trecho de <i>Inocência</i> , de Visconde de Taunay	4
O romance urbano: Manuel Antônio de Almeida	4
Atividade – Leitura de texto: trecho de <i>Memórias de um sargento de milícias</i> , de Manuel Antônio de Almeida	4
• Expressões	4
• Leitura puxa leitura	4

Figura 10(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

Esta é a primeira parte do sumário do livro didático do 2º ano. Nela, nota-se que os autores utilizam a literatura como base inicial. Os temas propostos para estudo iniciam por apresentar a historicidade do romantismo, suas características e principais autores. O interessante é que neste sumário as divisões do romantismo são bem feitas e norteiam bem o que o autor deve falar ou trabalhar no romantismo.

► Unidade 3 – Realismo-Naturalismo: crítica e combate	60
• Capítulo 3 – Realismo-Naturalismo: literatura em diálogo com a ciência ...	62
Pra começar: conversa com a tradição	63
Leitura: "Ficção", de Beatriz Bracher	63
Realismo: a "verdade verdadeira"	65
Leitura: <i>Entero em Ormans</i> , de Gustave Courbet	65
Correntes de pensamento	66
A busca da análise objetiva do real	67
Naturalismo: um tipo de Realismo	68
Leitura: trecho de <i>A morte de Olivier Bécaille</i> , de Émile Zola	69
Atividade: produção de história em quadrinhos	71
Realismo em Portugal: jovens ao ataque	71
Eça de Queirós: o crítico	73
<i>O primo Basílio</i> : romance de combate	73
Atividade – Leitura de texto: trecho de <i>O primo Basílio</i> , de Eça de Queirós	74
• Leitura puxa leitura	76
► Unidade 4 – Realismo-Naturalismo e Parnasianismo no Brasil: crítica e prazer estético	78
• Capítulo 4 – Realismo-Naturalismo no Brasil: Machado de Assis e Aluísio Azevedo	80
Pra começar: conversa com a tradição	81
Leitura: "Lá no morro", de Wander Piroli	81
Machado de Assis: um homem crítico	84
O Realismo particular de Machado	84
<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> : ruptura e inovação	85
Um romance nada linear	85
Leitura: trecho de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> , de Machado de Assis	85
A narrativa engenhosa de <i>Dom Casmurro</i>	8
Atividade – Textos em conversa: trecho de <i>Dom Casmurro</i> , de Machado de Assis, e "Capitu", de Luiz Tatit	8
Aluísio Azevedo: retratista de coletividades	8
<i>O cortiço</i> : o romance do coletivo	8
Leitura: trecho de <i>O cortiço</i> , de Aluísio Azevedo	8
Atividade – Leitura de texto: trecho de <i>O cortiço</i> , de Aluísio Azevedo	8
• Capítulo 5 – Parnasianismo: beleza e perfeição	8
Pra começar	8
Leitura: "A um poeta", de Olavo Bilac	8
Um movimento antirromântico	8
A arte pela arte	8
Alberto de Oliveira: o mestre parnasiano	8
Leitura: "Vaso chinês", de Alberto de Oliveira	8
Raimundo Correia: o poeta do desengano	8
Leitura: "As pombas", de Raimundo Correia	8
Olavo Bilac: um poeta popular	8
Leitura: Soneto XIII, de Olavo Bilac	8
Atividade – Textos em conversa: trecho de "Profissão de fé", de Olavo Bilac, e "Para fazer um poema dadaísta", de Tristan Tzara	8
• Leitura puxa leitura	8
► Unidade 5 – Simbolismo: novo mergulho na subjetividade	8
• Capítulo 6 – Simbolismo europeu: a arte da sugestão	8
Pra começar: conversa com a tradição	8
Leitura: "Passei por um sonho", de José Eduardo Agualusa	8
Simbolismo: uma reação	8

Figura 11(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018)

Nesta parte do sumário, os autores continuam estudando as escolas literárias, indo desde o Realismo, Parnasianismo e Simbolismo. Estudam-se autores e trazem-se exemplos de obras da época e seus respectivos autores, fazendo com que o professor saiba o que trabalham em sua sala de aula.

Assim, com essas escolas literárias os autores encerram a parte da literatura e dão início a parte gramatical que é estudada no livro. Com isso, nota-se que o gênero dramático não é abordado no sumário e, sendo assim, os alunos da 2º ano não terão conhecimento aprofundado. O que se apresenta adiante, já nas partes de análise propriamente ditas, que o gênero será citado, mas não detalhadamente e com teorias como foi feito no livro do 1º ano.

Para tanto, quando no sumário não se apresenta em ordem detalhadamente o que ser abordado. Em nenhum dos tópicos do sumário há a presença da história de autores dramaturgos, como no livro didático do primeiro ano em que escolheram Gil Vicente como autor principal, percebendo também que não existe a presença de obras como o *Auto da barca do inferno*, publicado em 1517.

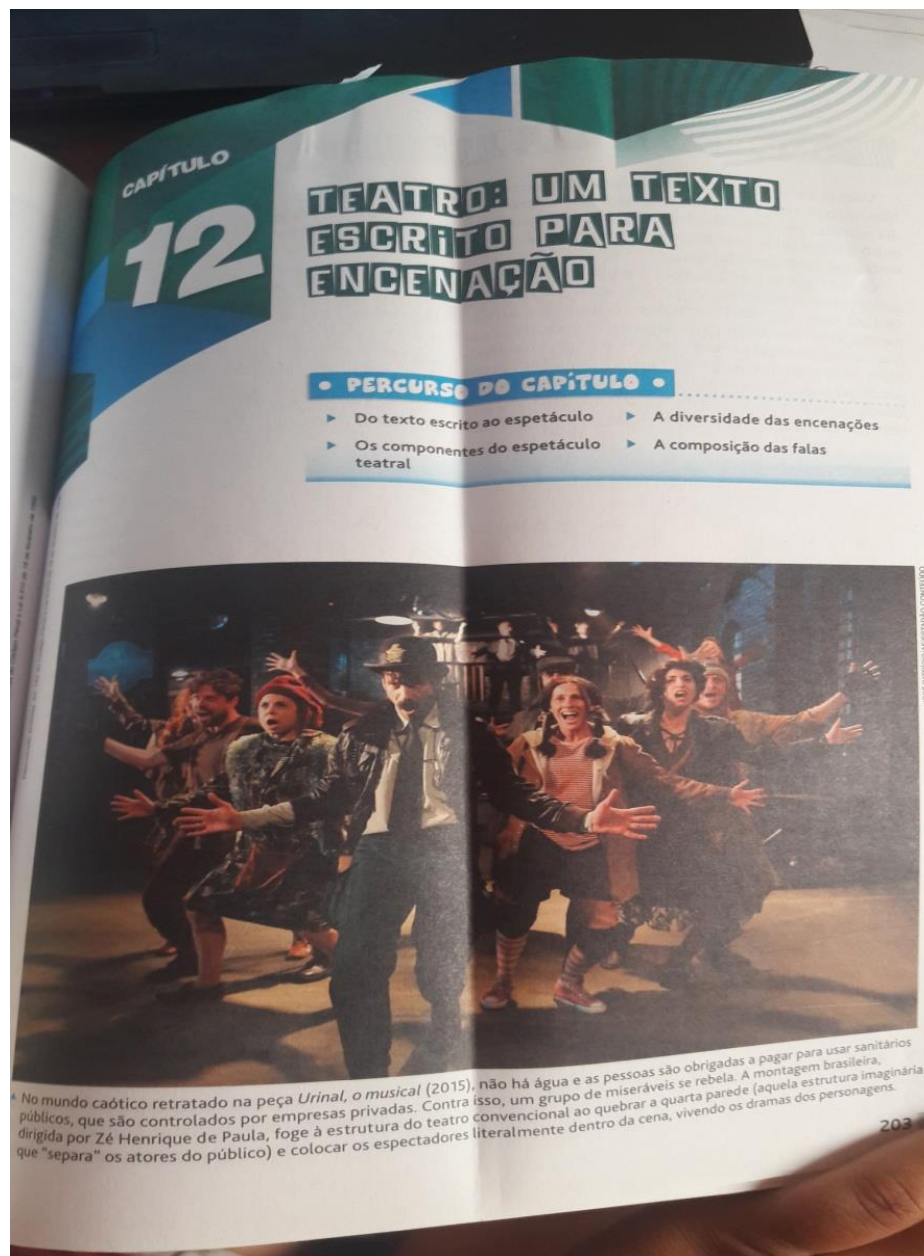


Figura 12(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

No item das produções deste livro didático, mais especificamente no capítulo 12, os autores sugerem que seja trabalhado pelos professores – servindo como produção, as peças teatrais. Neste caso, a imagem acima apresenta subtítulo “Teatro: texto escrito para encenação”. Bem provável que esse título tenha sido dado ao capítulo para que o professor ensine ao seu aluno que o teatro consiste nisso: um texto escrito por um determinado autor e que serve para ser encenado por uma pessoa ou por um grupo de pessoas:

O teatro é, geralmente, uma das artes mais utilizadas nas escolas, porque cria um espaço generoso onde o jovem – ou a criança – pode se descobrir como ser criativo. Isso é ótimo, mas muitas vezes as escolas atribuem ao espaço de criação finalidades que não são inerentes a atividade artística (COSTA, 2004, p.13).

Nos percursos do capítulo, também citados na imagem anterior, são descritos pontos que os autores pretendem seguir para compor o capítulo 12. “Do texto ao espetáculo”, “os componentes do espetáculo teatral”, “a diversidade das encenações” e “a composição das falas”. O que mais faz com que se questione sobre esses pontos a serem apresentados no livro, é que ao passar para a página anterior (será visto adiante), esses pontos não são bem explicitados.

Assim, é necessário que a escola possa trabalhar as escolas literárias a partir dos conteúdos abordados no 2º ano, para que o aluno chegue no 3º entendendo um pouco sobre isso.

Nota-se que a partir desta segunda página pouco se vê sobre o destaque dos autores Martins Pena que foi um grande dramaturgo para a literatura popular, que desde sua adolescência, compunha divertidas comédias de costumes para a sociedade um dos seus primeiros escritos foi o juiz de paz da roça de 1933. Machado de Assis e José de Alencar, os mesmos são reconhecidos pelo romantismo, mas que desde muito cedo são importantes para a dramaturgia.

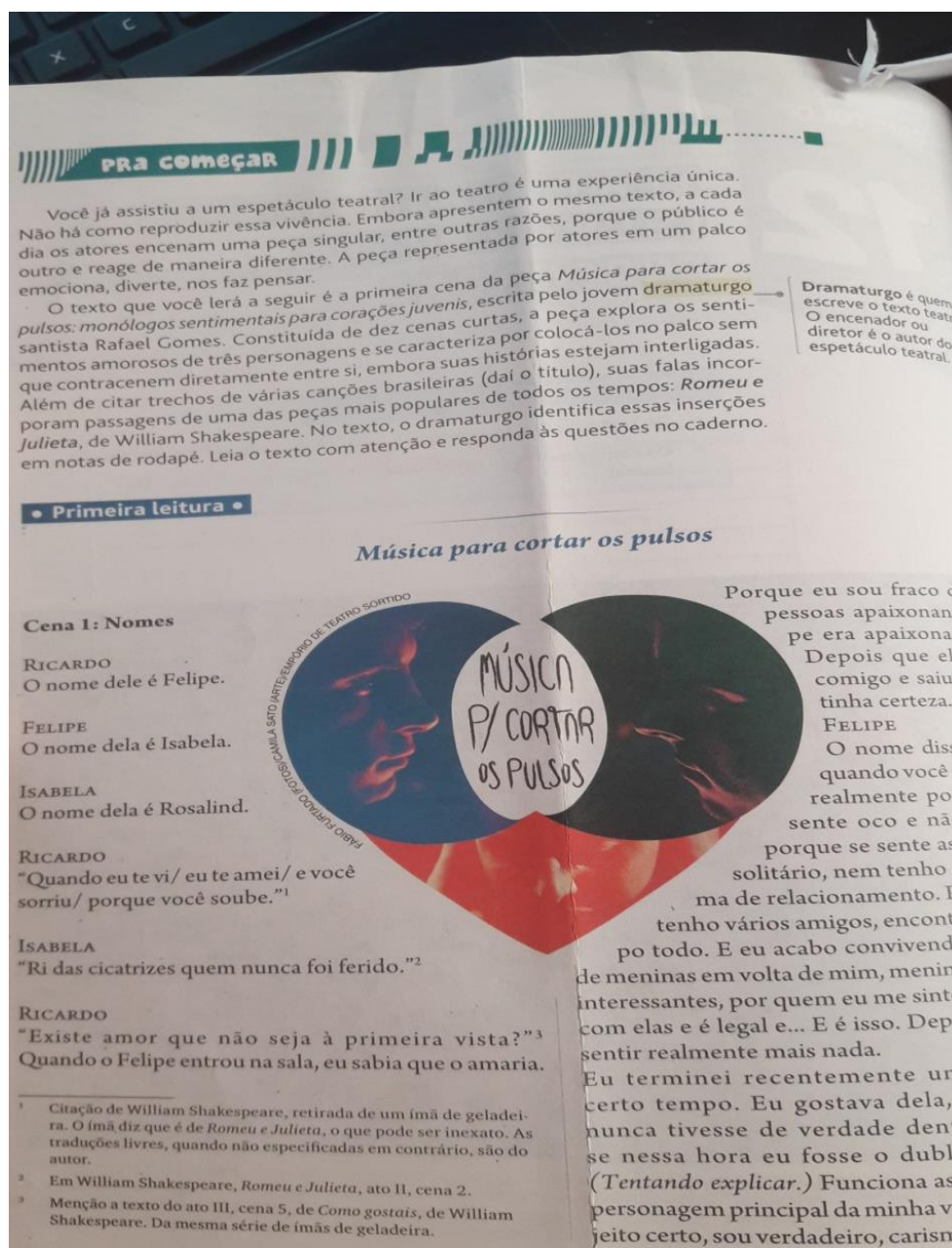


Figura 13(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

O autor começa essa página com a indagação: "Você já assistiu a um espetáculo teatral?" E mais adiante é citada uma leitura para que o professor faça com os alunos, mas, não é abordado neste capítulo nenhum autor do gênero dramático da época, nem suas respectivas obras (como foi feito no livro do 1º ano).

Vale notar que esta página não vai de encontro com o que foi dito no "percurso" do capítulo, pois trata-se apenas de uma breve introdução sobre

espetáculo teatral e, por seguinte, um texto contendo falas que servirão como base para responder um questionário depois.

Ao iniciar a leitura do texto, mesmo ele encontrando-se em um capítulo de encenação teatral, percebe-se que não existe um enredo que alunos possam encenar, já que de início apresenta-se falas, mas depois o contexto muda. Assim, ao comparar esse capítulo (o único desse gênero) com os que foram analisados do 1º ano, a diferença é grande: no 1º ano existe toda uma teoria em torno dos capítulos, além de exemplos de autores da época. Já nesse, existe uma sugestão de produção – mesmo não sendo muito sugestiva, mas faltam teorias e exemplos de autores que farão com que, além de produzir, os alunos possam conhecer o gênero dramático. Neste livro, os autores abordam apenas as escolas literárias, tanto é que este capítulo sobre teatro se encaixa em um deles.

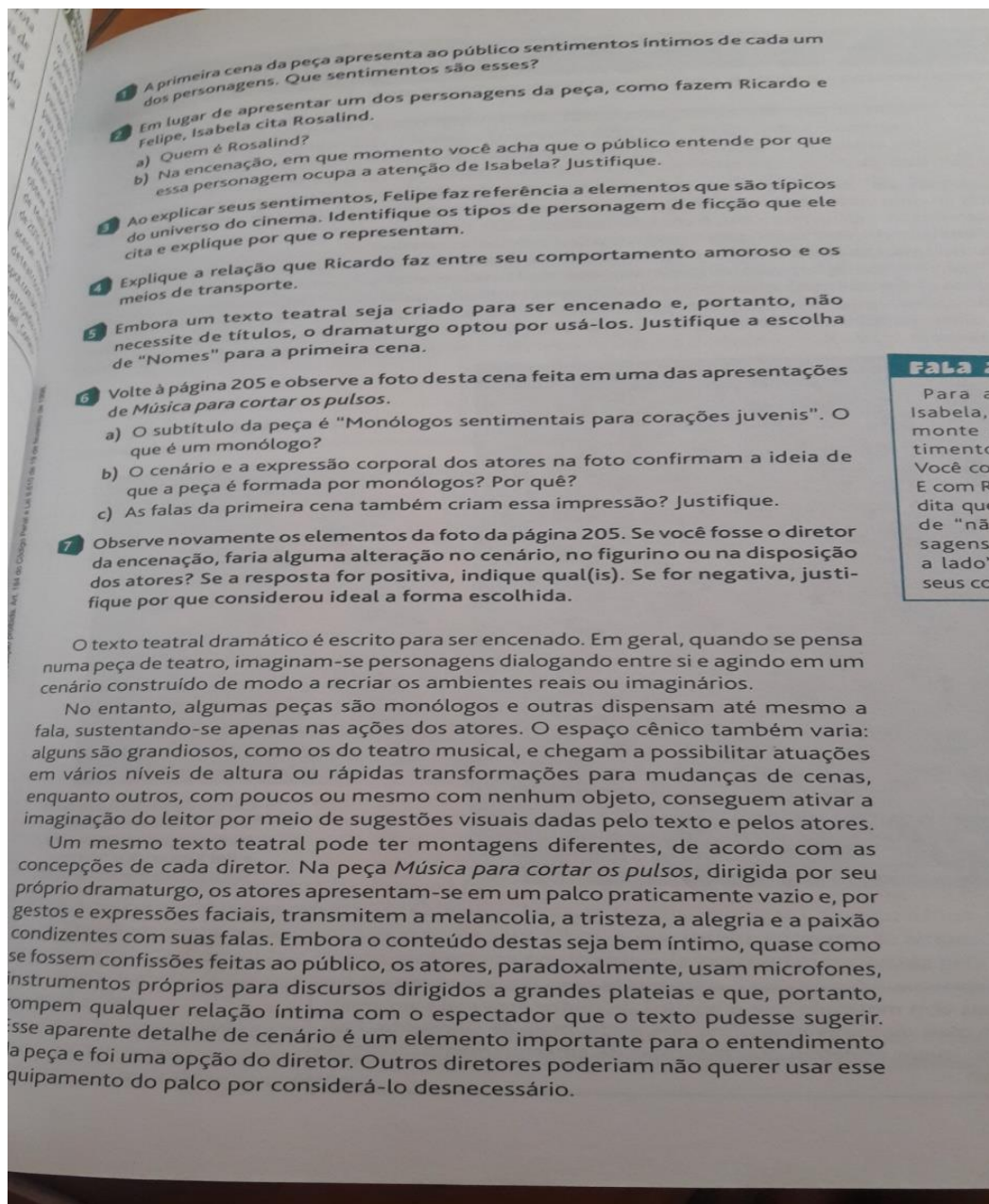


Figura 14(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

Nesta página, ainda referente ao capítulo 12, os autores fazem sugestão de uma atividade para ser respondida pelos alunos com o auxílio do professor. Esta atividade de ser respondida por meio da leitura do texto que foi comentado anteriormente.

Logo abaixo da imagem, os autores trazem algumas considerações sobre como o texto teatral deve ser encenado e quais os seus elementos básicos. É interessante verificar que, a todo instante os autores baseiam-se no texto que trouxeram, seja pra explicar sobre personagens, seja pra explicar

sobre o enredo, mas nunca trazem à tona os conceitos e tipos de gênero dramático.

Para terminar a discussão, a seguir, discutem-se imagens do livro didático do 3º ano do Ensino Médio, da mesma coleção dos anteriores, tentando mostrar as diferenças entre ambos e como os autores abordam a questão do teatro nos capítulos do livro.

2.3 O Gênero dramático no terceiro ano do Ensino Médio

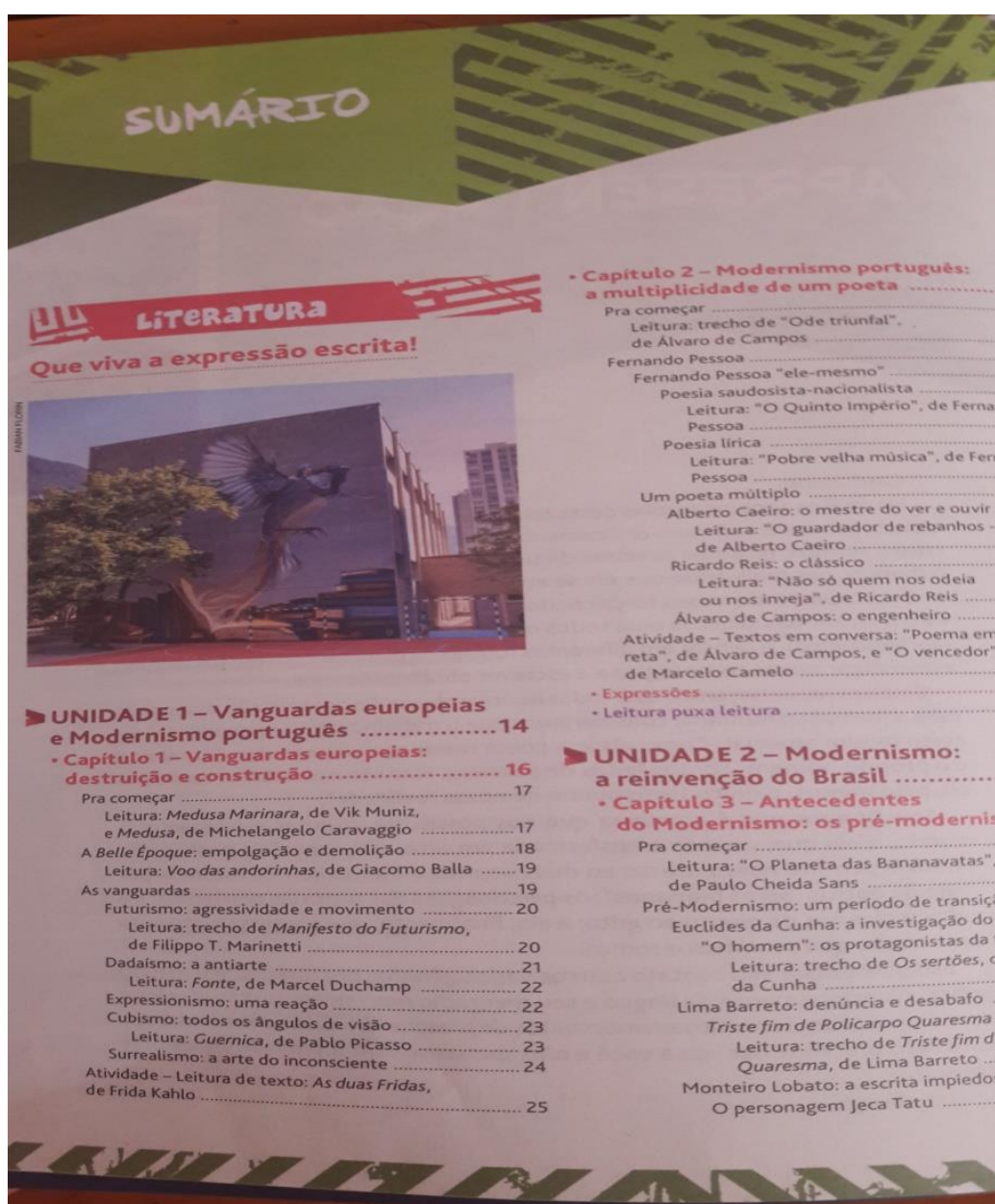


Figura 15 (ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

Na parte inicial deste sumário, nota-se que, igualmente aos outros ele inicia com o estudo de literatura. Na unidade 1, os autores propõem o estudo das Vanguardas Europeias e do Modernismo Português. Assim, nos subtópicos deste sumário, muitos tipos de textos são sugeridos, assim como o estudo dos autores dessas obras. Na segunda parte e unidade 2, sugere-se o estudo do Modernismo como reinvenção no Brasil e também evocam-se a presença de autores e textos para que o professor estude com os alunos.

Assim como na unidade do 2º ano, não há menção do gênero dramático na composição do sumário, o que nos leva a crer que o livro não aborda essas questões.

Leitura: trecho de "Urupês", de Monteiro Lobato	48	Jorge Amado: uma literatura popular	85
Augusto dos Anjos: artista singular	49	<i>Capitães da Areia</i> : história de meninos comuns	86
Leitura: "Versos íntimos" e "O morcego", de Augusto dos Anjos	50	Leitura: trecho de <i>Capitães da Areia</i> , de Jorge Amado	86
Atividade – Textos em conversa: "Psicologia de um vencido", de Augusto dos Anjos, e "O pulso", de Marcelo Fromer, Tony Bellotto e Arnaldo Antunes	51	Erico Veríssimo: uma voz do Sul	89
• Capítulo 4 – Modernismo no Brasil: primeira fase	53	Ficção e realidade na saga de uma família	89
Pra começar	54	Atividade – Leitura de texto: trecho de <i>Do diário de Sílvia</i> , de Erico Veríssimo	90
Leitura: "amor", de Oswald de Andrade	54	• Capítulo 6 – A poesia da segunda fase do Modernismo: expressão do mundo	92
A semana: três dias bem agitados	55	Pra começar	93
Mário de Andrade: o "escritor-síntese"	56	Leitura: "Meninos", de Murilo Mendes	93
<i>Macunaima</i> : obra central da fase heroica	57	Poesia: combate, reflexão, ousadia e tradição	95
Leitura: trecho de <i>Macunaima</i> , de Mário de Andrade	58	Drummond: a poética das multifaces	95
Oswald de Andrade: polemista	60	Leitura: "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade	95
Uma poesia <i>ready-made</i>	60	Sujeito em descompasso (o <i>gauche</i>)	96
Leitura: "os selvagens", de Oswald de Andrade	61	Leitura: "Poema de sete faces", de Carlos Drummond de Andrade	96
Antropofagia: a devoração cultural	62	Sujeito no mundo: o eu social	97
Leitura: "Erro de português", de Oswald de Andrade	62	Leitura: "Poema da necessidade", de Carlos Drummond de Andrade	98
Manuel Bandeira: poeta do cotidiano	63	Um poeta maduro	91
Atividade – Leitura de texto: "Profundamente", de Manuel Bandeira	64	Leitura: "No exemplar de um velho livro", de Carlos Drummond de Andrade	9
• Leitura puxa leitura	66	Experimentação, passado revivido e erotismo	9
► UNIDADE 3 – Modernismo (segunda fase): a consolidação de um movimento	68	Vinicius de Moraes: o poeta da intensidade	9
• Capítulo 5 – A prosa da segunda fase do Modernismo: retrato crítico do real	70	Leitura: "A uma mulher" e "Poética (I)", de Vinicius de Moraes	5
Pra começar	71	Atividade – Leitura de texto: "A rosa de Hiroshima", de Vinicius de Moraes	10
Leitura: "Nós chorámos pelo Cão Tinhoso", de Ondjaki	71	• Leitura puxa leitura	10
Romance regionalista modernista	74	► UNIDADE 4 – Pós-Modernismo: um mundo em fragmentos	10
Graciliano Ramos: a literatura dos excluídos	75	• Capítulo 7 – Produção pós-modernista: novas palavras	10
<i>Vidas secas</i> : os emudecidos	76	Pra começar	1
Leitura: trecho de <i>Vidas secas</i> , de Graciliano Ramos	77	Leitura: "Tenho uma folha branca", de Ana Cristina César	1
Rachel de Queiroz: uma voz feminina no regionalismo	81	Pós-Modernismo: uma poesia múltipla	1
Leitura: trecho de <i>João Miguel</i> , de Rachel de Queiroz	82	João Cabral de Melo Neto: a poesia objetiva	1
		Uma nova poesia: o poeta-engenheiro	1
		Leitura: "Catãr feijão", de João Cabral de Melo Neto	1

Figura 16(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

Na continuação e parte 2 do sumário, os autores continuam a apresentar partes a serem estudadas e que se referem à literatura. Assim como no livro do 2º ano, há apresentação das escolas literárias baseada na literatura brasileira, diferente do livro do 1º ano, que trouxe Gil Vicente, presente na Literatura Portuguesa.

No capítulo 3, autores famosos da Literatura Brasileira como Graciliano Ramos, e sua principal obra *vidas secas*, dão um norte ao professor, que

saberá que precisará trazer para sala de aula a obra e trechos dela para que o aluno faça a leitura.

Os sumários do 2º ano e 3º ano têm bases iguais, e não se detém a parte da Literatura Portuguesa, mas sim da Brasileira, o que se difere do livro do 1º ano. Nesta segunda parte do sumário, também não se notas a presença do estudo do gênero dramático, nem a presença de autores da época de 1500, por exemplo.

Verifica-se uma atividade proposta como “criação de cena teatral”. Assim, percebe-se que como no livro do 2º ano, os autores sugerem a atividade de peça teatral, mas não trazem introduções, conceitos e o estudo de autores para que os alunos conheçam sobre o gênero.

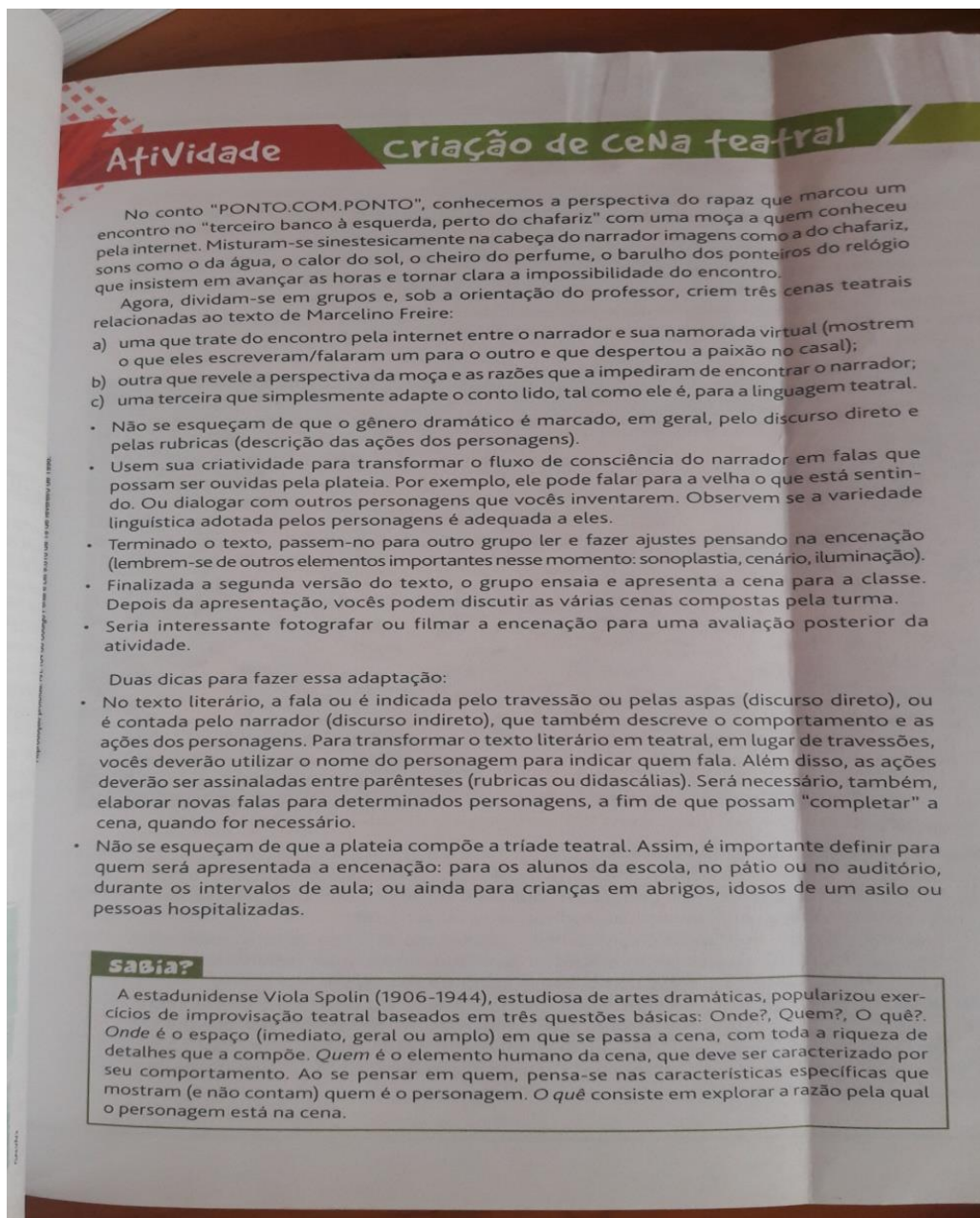


Figura 17(ORMUNDO, SINISCALCHI, 2018).

Os autores desse livro didático do 3º ano trazem uma única página que traz algo sobre teatro. E, como se sabe, esse livro trata-se de uma continuação do anterior, é relevante trabalhar com a hipótese de que os autores não conceituam "teatro", por já terem trazido um breve conceito no livro do 1º ano.

A atividade proposta sugere que o professor divida a sala em grupos para que essa cena teatral seja feita. Antes disso, o professor havia feito uma leitura e os alunos terão que encenar de acordo com o que foi lido pelo professor, já que, como foi dito no livro passado, a encenação vem da escrita.

Um breve conceito que é trabalhado nesta parte do livro serve como norteador para os alunos que, por exemplo, nunca tiveram contato com uma cena teatral. O autor diz que: “lembrem-se que o gênero dramático é marcado em geral, pelo discurso direto e pelas rubricas, descrições das ações dos personagens”.

A partir disso, também sugerem que os professores expliquem aos alunos que farão essa cena teatral como devem ser as falas indicadas, e como devem agir diante da plateia. Percebe-se, então, que muitas explicações são trazidas, mas nunca conceitos sobre o gênero estudado, ou qual o tipo que caracterizará essa cena teatral que será encenada.

Para tanto, é necessário que os autores devam trazer questões sobre pessoas da época, já que são alunos com maturidade para entender tais questões gêneros. Assim, Nelson Rodrigues, por exemplo, não é abordado no texto.

Portanto, ao juntar as análises dos três livros, estas se diferem e também se tornam iguais. O livro do 1º ano é o que mais atende as especificidades do gênero dramático, e que os autores trazem conceitos e obras para estudo. O que falta nesse livro é a produção com base nos autores e obras estudados. Já os do 2º e 3º ano têm conteúdos semelhantes. Não trazem conceitos nem autores, mas trazem produções para que o professor trabalhe com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise acerca de como se dá o ensino do gênero dramático nos livros didáticos de Ensino Médio, enfatizando as diferenças entre eles e como os autores optaram por desenvolver esse estudo teatral.

A relevância de discussão sobre essa temática parte da ideia de que o ensino de literatura: o gênero dramático na educação precisa ser diferenciado do ensino de leitura romântica, pois os sujeitos leitores do romantismo vivem uma realidade diferenciada quanto ao modo de vida, cultura, trabalho, entre outros, e que estes aspectos devem ser pensados e respeitados no currículo escolar. Assim, diante da pesquisa empírica, percebeu-se que o ensino de literatura apresenta um paradigma que não condiz com os documentos legais da política educacional, elaborados com a finalidade de oferecer uma educação de qualidade para que os leitores chegar a construir seu próprio conhecimento.

A partir da análise de capítulos da coleção de livros didáticos que compõem as três fases do Ensino Médio, compreendeu-se que os autores não abordam muito a questão do gênero dramático. No livro do 1º ano percebe-se que é o que mais corresponde às expectativas, pois traz autores e conceitos deste gênero. Já nos dois últimos, é pedido que se criasse uma encenação teatral, mas não se conceitua e nem se explica o que seja esse gênero de uma forma clara.

Considerando os procedimentos metodológicos que se utilizou nesta pesquisa, que se tratou de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, pois é analisado conteúdos de dentro de um livro didático. O trabalho dividiu-se da seguinte forma: primeiro, apresentou o gênero dramático, No segundo capítulo, Breve Panorama do Teatro no Brasil, além de mostrar como os PCN's o abordam. E no terceiro capítulo ocorre a análise de três livros didáticos do Ensino Médio.

Portanto, a intenção é que este trabalho seja incentivo para que outros trabalhos possam ser desenvolvidos, já que, além de ter se trabalhado um gênero que não é muito comum nos livros didáticos, de certa forma está-se trabalhando com literatura, que é muito importante para a sociedade. É

importante, também, conhecer os conceitos que regem esse gênero, além da sua história no Brasil, conhecendo um pouco dos autores da época.

Desenvolver nos alunos o ato de ler não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível, e as práticas influenciam diretamente nesse processo. Portanto, é necessário buscar conhecer e utilizar as ferramentas apropriadas para o ensino de leitura e assim formar bons leitores na escola, que esses leitores possam se orgulhar de ter a oportunidade de conhecer o mundo a partir de seu próprio mundo.

É necessário, ainda, que os professores trabalhem o teatro como forma de interdisciplinaridade, já que é um meio que envolve vários aspectos. Assim, considera-se que os objetivos desse trabalho foram alcançados, pois se apresentou breves considerações acerca do gênero dramático; depois sua historicização do Brasil, e, por último, as análises e comentários feitos mostraram que os livros didáticos não abordam as questões desse gênero.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CACCIAGLIA, Mario. **Pequena História do Teatro no Brasil** (quatro séculos de teatro no Brasil). São Paulo, Edusp, 1986.

COSTA, Alexandre Santiago da. **Teatro- Educação e Lucidade: novas perspectivas em educação**. Revista da Faced, nº08, 2004.

COSTA, Livia Militz da; REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **A tragédia: estrutura e história**. Ática, São Paulo, 1988.

BRASIL; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: volume 6, arte**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

DËRIA, Lilian Fleury. **Metodologia do ensino de teatro**. In: Metodologia do ensino de arte. ZAGONEL, Bernadete (org) Curitiba: Ibpex, 2011.

FILHO, Antonio. **O gênero dramático**. São Paulo, 2007.

FREITAS, Jussara. **Sobre a teoria dos gêneros dramáticos, segundo Diderot, e sua aproximação da Poética de Aristóteles**, UNESP, 2011.

GRANERO, V. V. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papyrus, 2001.
MARTINS, Antonio. **O teatro como possibilidade metodológica de Ensino e Aprendizagem para a Educação de Jovens e Adultos – EJA**. Brasília/DF, 2013.

MORAIS, Elineide. **O teatro na escola de Educação Infantil: A experiência do centro educacional pingão de gente em gurupi-to**, Tocantins, 2016.

ORMUNDO, Wilton. **Se liga na língua:** literatura, produção de texto, linguagem/Cristiane SINISCALCHI, São Paulo: Moderna, 2016.

PORTELA, Eduardo et alii. **Teoria literária.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola.** São Paulo: Scipione, 1997.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.